

ÁGUA

Marcio Sgreccia



“Nasci Napoleão, vou morrer Bonaparte”, dizia ele, ao descer os degraus do conjunto escultórico, uma homenagem da colônia italiana à cidade. Encostado em “Maria Tudor”, observando sua dramática expressão de dor, consternava-se. Tocando nas formas negras do bronze, ricamente ornada de detalhes, dizia para o mundo a razão de sua vida. Entre risos irônicos e a incompreensão, descia cada degrau, devagar, como se descesse os degraus do inferno. À sua frente, a beleza de um jardim bem cuidado, coberto de flores e grama verde.

Precisava andar cautelosamente para não tropeçar, ou mesmo, escorregar no chão. Algumas pedras estavam cobertas de limo devido à copa das amoreiras. Elas cobriam quase toda aquela área do jardim. Resmungou alguma coisa quando iniciou sua rota de fuga. Suas passadas eram lentas embora, na sua mente, elas fossem rápidas. Alguma coisa estava desconectada entre a sua capacidade de percepção e a de realizá-la. A realidade desconcertante o incomodava. Sentiu o coração leve por ter visto as flores. Diante do desconforto de caminhar, manter o equilíbrio, arrastar os pés, resvalando-os pelas pedras escorregadias, tinha em seu âmago a sensação de estar livre dos pensamentos amargos. Como uma presença invisível, o vento letal parecia observá-lo da copa das árvores.

Ele não sabia exatamente onde estava. Algo nebuloso revestia sua mente, como se o seu cérebro estivesse recoberto com mantos. Talvez sua memória. Viu alguém gesticulando em profundo estado de desespero. Gritava também. Mas eram gestos surdos e mudos. Apesar de serem uma linguagem. A pantomima dele dispensava palavras. O corpo todo falava por si. E de si. Fez uma tentativa enorme para se aproximar. Seu ritmo era surpreendentemente vagaroso. Em todas as suas ações, tudo era lento. A incomunicabilidade inexplicável para os seus sentidos confundia-o, embora sugerisse uma atmosfera onírica. Por momentos, sentia-se confuso. Aquela figura de homem numa tentativa terminal para se comunicar, era apavorante. Tinha diante de si, ao vivo, um quadro de rara beleza e dor. Um quadro de James Ensor.

Mostrando uma certa dificuldade, conseguiu entrar no ônibus que o levaria para casa. Alguém estendeu-lhe a mão para subir os dois degraus. Naquele horário, o ônibus estava vazio. Durante o percurso, por vezes longo demais, devido ao habitual congestionamento, outros usuários acabariam por ocupar todos os trinta e seis lugares permitidos por lei. O restante faria a viagem em pé. Ouviu do cobrador que não era permitido a entrada de bêbados no ônibus. Sem se preocupar em se defender nem se sentir ofendido, deixou nas mãos do cobrador duas moedas. Não esperou pelo troco. Avançou pela catraca e foi sentar-se no penúltimo lugar, do lado da janela. Apoiou a cabeça no encosto e

ficou a olhar a rua. Numa das pequenas lojas de CDs, uma música era tocada com um volume muito alto. Não chegou a prestar atenção na música. Uma mulher gorda, vestida com roupa simples, as pernas grossas, o traseiro e os seios enormes, estava parada em frente à loja de CDs. Tinha o cabelo loiro, talvez fosse pintado. O cabelo comprido maltratado e sem viço espalhava-se pelos ombros. Ele ficou a imaginar o quanto ela era pesada. Como seus pés, ele notou que os pés inchados eram pequenos, conseguiam suportar tamanho peso? Não demorou muito e o ônibus iniciou o seu percurso. Da janela, ele via o mundo. Embora tudo estivesse em movimento, a sensação que seus olhos percebiam era o fator da imobilidade. Diante da janela do ônibus, a paisagem da cidade era desoladora e vazia. Na sua memória, poderia lembrar de um outro tempo, um tempo menos inóspito, quando chamava sua atenção as fachadas coloridas das casas, o burburinho das pessoas andando, sem destino aparente. Todos estavam sendo empurrados pela força dominadora do destino. Ele estava vivendo em um outro deserto, o humano.

Ao lado da sua casa havia uma estranha mulher. Vivia isolada de todos. Tinha os cabelos brancos cortados rentes ao pescoço. Uma franja reta cobria-lhe metade da face, escondendo os olhos e parte do nariz. Era muito magra. Vestia-se sempre de preto cuja cor contrastava com a brancura da pele e a senilidade dos cabelos. Respondia aos cumprimentos das pessoas com um leve aceno de cabeça. Não sorria nunca. Poucos tiveram o privilégio de ouvi-la falar. Mas ela tinha um dom especial. Tocava piano pela manhã e ao cair da tarde. Todos os dias a rua ouvia os seus concertos, a ponto de muitos se guiarem pelo horário ritualisticamente executado diariamente. Quando tocava, era extremamente generosa. Sua música intimista, de estrutura camerística, possibilitava uma rara experiência com sua maneira radical de executar sua música. Ela era o rigor em pessoa. Utiliza o seu piano para atingir um objetivo maior, além daquele que estamos habituados a ouvir nas esdrúxulas estações de rádio. Cerebral, contida, bate nas teclas com imparcialidade. Ela acredita em outra coisa. A música é esta condição para o seu estado de espírito. Tornou-se parte do instrumento que toca. Integrou sua alma à ele. O piano é o seu Mephisto. Cada vez que toca proporciona a si um encontro. Talvez o último, o exigido, antes que ele leve o que ela lhe prometera. Sem ter desenhado na sua porta o símbolo sagrado, o sinal do Macrocosmo. Mas ela o fez secretamente, na sua mente. Agora, Mephisto está aprisionado ali. Refugiou-se no piano, sua moradia eterna. Seus momentos apavorantes acontecem quando ela se prepara para tocar. Napoleão encostava-se à janela da sala que dava para rua e ouvia embevecido. Escutava entre pausas e silêncios, um choro contido. Outras vezes, um soluçar acometido de ecos torturantes de uma língua ininteligível. Talvez fosse a música, mas algo o

intrigava. Havia uma presença estranha naquela casa. Alguém, como a pianista, que conhecia o rito, os segredos da tradição e toda a gama de sentimentos. Alguém que reinventava a si mesmo, remoendo uma paixão sufocada. Alguém, como ele, sedento daquela música inusitada, sem nome nem estilo. Um som vindo das regiões infernais, como uma sombra vaporosa. Napoleão conhecia os dias sombrios. Mesmo assim, sentia-se inebriado com aquela música a dominar os seus sentidos. Ela o inundava secretamente. Estabelecia um elo com o prisioneiro ocultado dentro da piano, que o atingia em cheio no coração diante de um mundo impenetrável.

Sentia prazer, fechava os olhos, silenciava os gestos e os pensamentos. Estava feita a conexão. Um sinal estranho, como o repicar de um sino, ecoava pelo seu corpo. A partir daí, seu coração descansava.

Há um silêncio estranho. De dar medo. Um cão meio louco andava por ali, cheirando latas de lixo, escondendo-se entre as sombras. Com seus latidos brutais, rosna quando encontra alguma delas pronta para entrar em ação. Todos querem algo. A princípio, sabem o que não querem. Por isso, estão sempre fugindo de alguma coisa que os incomoda. O cão corre faminto pelas ruas. As sombras o perseguem também. A vida, suspensa por um leve fio, não mais lhes pertence. Eles não têm nada mais a ver com a vida. Ela é um transtorno na aparência que os envolve, cujas vestimentas alimentam-nos de desejos, emoções, sentimentos cegos e alienantes. Muitos deles vivem a morte sem morrer. O cão procura a sua morte. Fareja por ela, deseja-a, tendo que escolher entre a dor ou fugir ao seu destino. Ao mesmo tempo, as sombras buscam seu refúgio no que é convencional, no já existente. Passam pelas ruas esburacadas, entulhadas de lixo e toda espécie de sujeira. Vivem ali há anos. Impregnaram as paredes com a impressão do esquecimento. Nenhuma lembrança marcante, nenhum hábito, nenhuma presença de alegria. A não ser pedaços. Destroços enfeitam a confusão reinante ao redor. Estão acostumados a ela e qualquer tentativa de mudança é malvista. Seria incômoda. Fizeram desse lugar o santuário de suas vidas mal vividas. A última imagem é a de uma ansiedade contínua. Inconsolável. Por isso, caminham e andam. Farejam-se constantemente. Não conseguem ultrapassar os limites dessa fronteira sem reminiscência. Uma constante melancolia invade as pedras das sarjetas, o asfalto imundo, as paredes descoloridas. A luz é proibida. Também os incautos.

Eles não podem voltar para casa.

Napoleão vasculhou seus guardados dentro de uma pequena mala. Coberta de poeira, a fechadura não funciona mais. O couro, rachado pelo envelhecimento,

ainda protege o que está lá dentro. Ele abre e olha. Lá está sua vida, o que conseguiu acumular no decorrer dos anos. Este cofre secreto é o lugar da sua alma. Maquinalmente pega um cartão postal. Não sabe quem o enviou. Nem tem nenhuma importância. Olha o cartão como já o fez milhares de vezes, tentando descobrir que lugar é esse. No postal, dividido em partes, foto de uma igreja antiga, construída com pedras. Pormenoriza no altar figuras pintadas semelhantes a um afresco. Napoleão olha. Olha sempre. Tenta vasculhar todos os detalhes. Do lado direito, o postal está roto. Ele sempre pega o cartão ali. O resto precisa ser preservado, assim meio inconscientemente. Consegue soletrar o que está escrito nas pinturas: Chiesa degli Angeli.

Ao virar o cartão, lê a mensagem escrita, meio apagada. “Estou com o pé no mundo. Vivo à procura do sol. Aqui há calor em todos os sentidos”. O resto está ilegível. O tempo encarregou-se de desmemoriar o inevitável.

Napoleão deitou-se na cama de solteiro, que ele comprara há muito tempo numa casa de móveis usados. Era o cair da tarde. O sol já estava no poente, indo para o oeste. Mesmo assim fazia bastante calor. Os noticiários haviam previsto chuva para logo mais à noite. Um mormaço vindo das paredes e do chão, infiltrava-se pelo pequeno quarto. Havia uma porta, trancada. Uma janela aberta, com cortinas estampadas com florões. Uma tentativa para não esconder muita coisa. Há dias que uma febre intermitente o incomodava.

Pensou em ir a um médico, mas foi adiando esta visita. A febre chegava sempre naquela hora. Deixava-o enfraquecido, derrotado, sem energia. O rádio estava ligado e naquele momento o locutor anunciou uma música de Sibelius: A estrada do amado. Napoleão aumentou um pouco o volume. Embora sua cabeça pesasse como uma pedra. Prostrado, sentindo um frio vindo lá de dentro, causando-lhe arrepios, ergueu-se até o armário. Pegou uma manta de lã. Lembrança de sua mãe que a comprara de uma tecedeira. Já idosa, ainda usava o tear para cardar a lã e tecer as mantas. Cobriu-se com ela. Apesar de quente, o tecido era áspero e pesado. O suor pingava pelo rosto e encharcava os lençóis. Estava com uma nítida sensação de vazio. Não conseguia pensar em nada. Ouvia a música que não o incomodava mas também não permitia que se concentrasse. Pensou em tomar um comprimido. Levantou-se arrastando o corpo. Foi até a pequenina gaveta da mesa. O envelope estava sem nenhum comprimido de aspirina. Esquecera que havia tomado todos. Lembrou-se de vestir uma malha. Já que estava perto do guarda-roupa, pegou uma malha fina, vermelha. Seus braços doíam, as mãos doíam, as pernas doíam, as costas doíam. Jogou a malha sobre a cadeira e voltou para cama. Deitou-se e encolheu o corpo. O frio continuava. Talvez

fosse da febre. Tal como acontecera nos dias anteriores, a febre passava, ele dormia e acordava sentindo-se melhor. As pernas meio bambas, sem controle motor, sem vontade de dar todos os passos necessários. A fraqueza era uma constante em sua vida. Desde que nascera. Mas não gostava de pensar nestas coisas. Se estava vivo até agora, porque tinha que viver. Era isso. Olhou para a malha. A cor vermelha, cor de sangue. Certa vez, quando ainda morava com seus dois irmãos, ele usara uma malha assim. Era de um dos irmãos. Pegara-a sem pedi-la emprestado. Quando devolveu a blusa, encontrou um bilhete no lugar: “Favor não usar mais minhas roupas”. Na hora de tomar o café, eles mal o cumprimentavam. Era como se ele não existisse naquela casa. Não tinha certeza se era menosprezo, ou raiva, ou um ódio contido. Sem perceber muito bem, evitava o máximo que podia permanecer na casa quando eles estavam lá. Chegou a dormir no banco da praça quando eles deram uma recepção para seus amigos para a qual ele não fora convidado. No lugar da xícara, outro bilhete. Do outro irmão: “Não gostamos de você. Mude o mais rápido que puder”. Procurou um lugar para ficar. Com uma dor aguda no peito, um sentimento de perda. Mesmo hostilizado, gostava deles. Afinal, eram irmãos, sangue do mesmo sangue. Encontrou um quarto num bairro mais distante. O quarto era pequeno, mas servia. Ficava no quintal da casa do proprietário, que estava sempre viajando. Arrumou suas coisas. Alugou uma kombi, colocou suas poucas coisas ali. Deixou a chave do apartamento com um bilhete. “Grato por tudo. Até qualquer dia”. Tentou relembrar o rosto de um deles. Mas uma nuvem cobria sua mente. Será que ainda moravam lá? Tinham partido para outro país? Será que através do seu pensamento conseguiria localizá-los, pedir por ajuda, uma visita...Não, nenhum deles colocaria os pés ali. Talvez dissessem com as palavras entre os lábios: “Para quem nunca conseguiu nada na vida, até que está ótimo”. Fez mais um esforço. Sabia que lá dentro, ele os amava e os perdoava sempre.

Mas, quem consegue ver o que se passa dentro das pessoas. Quem?

A tentativa foi em vão. Sentiu que lágrimas escorriam dos seus olhos embaçados e febris. Mas de qual deles era a malha vermelha? Enfocou o olhar na sua blusa, numa última tentativa. Mas a face dele era apenas um rosto no meio da multidão.

Como se sua alma estivesse em uma outra longa caminhada, assim era a sensação que ele estava naquele momento. Percorrendo a sua terra devassada, que muito chamam de vida. Mas, para ele, um tormento. Ele sucumbira a todos os momentos de felicidade. Meras ilusões, esparsas alegrias! Sentira que

envelhecera antes, como uma criança que nunca experimenta os sonhos e as esperanças e, envelhece precocemente. Nos seus olhos, um falso brilho projetando a marca do sofrimento. Precisava agarrar ao real, quebrar as unhas, arranhar-se todo, para sentir qualquer reação de tempo e espaço. Precisava de um pouco de sol. Pensou que lhe faria bem. Nenhuma sombra estaria à sua espreita, já que elas não suportam a luz. O sol inundou-o de calor. Embora a forte luz incomodasse seus olhos, deixou-se envolver por aquela carícia aconchegante. Ao olhar para si mesmo, as roupas surradas, as unhas por cortar, o cabelo ralo na frente, dava-lhe um que nostálgico de uma personalidade em constante declínio. Mergulhado até a alma por aqueles raios luminosos, perguntava em qual mundo ele pertencia. Se, para ele, haveria ainda alguma referência que pudesse modificar tudo, de repente, num estalar de dedos. Se pudesse voltar no começo de tudo, reinventaria o processo de experiências, transmutando-as, dando-lhes cor. Sua “vie en rose” da transgressão. Trocando os nomes das ruas. As ruas mudariam de lugar do dia para a noite. As casas!

Com as casas ele faria algo inusitado: jogaria na sorte. Colocaria uma bem distante da outra, aquela ali de cabeça para baixo, a outra, deitada de lado.

E aquela outra, destruída em mil pedaços. Faria da sua cidade a sua caixa de brinquedos, apesar de obsoletos e quebrados! Apesar do sol forte das dez horas da manhã, um vento insistia em desorientá-lo. “Talvez, pensou em voz alta, eu esteja em busca de saídas. Todas as coisas foram soterradas dentro de mim. Restam-me as estradas do mundo”. Sorriu com a invasão repentina desses pensamentos. “Sim, poderia encontrar algo novo, desconcertante. A vida é assim. Cheia de surpresas!” Olhou para os sapatos que calçava. Aquele par de botas, cujo couro maltratado pelo uso constante, não lhe daria mais do que umas poucas voltas no quarteirão. Indo em seguida para a lata de lixo. Não seria com eles que começaria sua volta ao mundo. Riu de suas bobagens. Suas viagens prometidas tantas vezes, não eram um fim em si mesmas, nem meros pretextos para um ponto de partida. Faziam parte do seu círculo vicioso. Sem começo nem fim. Rotas de fugas para lugar nenhum. Abriu as palmas das mãos. Cerrou os olhos. O sol esquentou-as. Um sinal de conforto. Inspirou fundo. Queria aquela luz dentro dele. Compartilhá-la com seus membros, órgãos, corrente sangüínea, os filamentos nervosos do cérebro. Desvincular-se do humano. Desmaterializar-se. A pianista reiniciou seus experimentos pianísticos. Ouviu um grito de dor vindo de dentro do piano. Mephisto chamava por ele. “Napoleão, ajuda-me a sair daqui”. Napoleão, mentalmente, respondeu: “Sr. Mephisto, não sei como. Sinto muito”. Mephisto, enraivecido: “A raça humana ainda não evoluiu. Nunca encontrará o caminho da salvação”. Depois de uma pausa, quando a pianista ousou esquadrihar Eric Satie.

“Esta música de novo?” lamentou Mephisto. Fez-se um silêncio na rua. A música soava como um hino ao desconhecido. Napoleão ouviu a música com um certo deleite. Afinal, o pobre diabo andava meio perdido. Contra a música e a vibração dela ele não tinha nenhum poder. Ficaria prisioneiro daquele piano por séculos, talvez. Napoleão sorriu de prazer. Tocar aquela preciosa música seria mais cruel do que ele fizera um dia desses. Alimentara os pombos que sujavam o beiral da janela e o pequeno pedaço de quintal cimentado que usava para um pequeno jardim, com vasos empoleirados de plantas. Mistura cimento aos grãos de milho. Os pombos famintos chegavam alvoroçados.

Comeram todos os grãos. Há dias que ele notava a ausência deles. No início, tentou se justificar, lendo um artigo falando de doenças transmitidas por eles. Mas, eram seres vivos. Tinham direito à vida! O mesmo acontecia com os ratos! Ah! se Mephisto soubesse do massacre! Fez um pequeno relaxamento. Pediu perdão de mais um pecado, tal como aprendera na infância, quando tivera que ir ao confessionário e contar ao padre tudo o que aprontara até então. Tremia de medo, estava confuso, não sabia direito o que era pecado venial e o que era pecado mortal. Pecado venial era praticado por crianças. Mortal, por adultos. Inventou coisas, mentiu, suplicou o perdão. O padre deralhe como penitência um rosário. Um fardo pequeno para tanta desobediência acumulada. Agora, os benditos pombos! Pegou o regador, encheu de água e irrigou as plantas sedentas, tendo o cuidado de derramar a porção certa do precioso líquido. Para as plantas, bastava um simples olhar. Estabelecia relações profundas com elas. Relações visionárias. Oportunas. Um olhar sem preconceitos, que não precisava responder a nenhum nome, a nenhum chamado, a nenhuma dúvida. Um olhar que não fosse governado pelas leis da perspectiva. Um olhar que conhecia a aventura da percepção num primeiro contato. Sem deixar resquícios. Uma expressão direta. Conclusiva. Integravam-se.

O cheiro da terra molhada da pequena cidade perdida entre a Mantiqueira era inesquecível. Todas as vezes que Napoleão tinha a chance de lá voltar, aspirava o vapor perfumado que exalava após a chuva. À noite, olhar para o céu estrelado, era um ritual. Ver a constelação do Cruzeiro do Sul, as Três Marias e toda aquela imensidão, fascinava. Tia Filhinha era irmã de sua mãe e a tia que ele mais gostava. Ela era alta, bonita, os grandes olhos azuis. Eu a chamava de Olivia de Havilland, que fizera E o vento levou... Aos domingos, à tarde, após a matinê, a trajetória era chegar até a casa da avó Noêmia, comer

seus doces de leite ou de abóbora, tomar uma xícara de café, saborear o arroz doce carregado na canela em pó. Quando era tempo de abacate, tia Filhinha apanhava os mais maduros, amassava a polpa verde com garfo, polvilhava com açúcar cristal. Depois do lanche, eu fazia questão de enxugar os pratos e os talheres e ajudava a guardá-los na gaveta da mesa da cozinha. De lá, avistava o cemitério no alto da colina. Certa vez ela adoecera gravemente. Naqueles dias aconteceu uma tragédia perto da cidade. Algumas crianças nadavam no pequeno ribeirão e uma delas afogou-se. Tia Filhinha, delirando quando tinha febre alta, achava que era eu que havia morrido. Meu pai, veio me buscar em casa de caminhão e me levou até sua casa. Abriu a porta do quarto e eu entrei. Neste exato momento, passava o cortejo que acompanhava o caixão branco do menino que se afogara. Ela pediu para que eu me aproximasse. Segurou minha mão. Ela estava com a mão gelada. Apertou-me contra seu rosto e me beijou. Depois, cansada, exausta pela emoção, com lágrimas nos olhos, deixava-se abater entre os lençóis brancos. A vida se desviava de todos nós. A vida passava como na tela de um filme das tardes de domingo. Faroestes com vilões e heróis, cavalos em disparada, perseguições, paisagens do Gran Canyon. Música country e tragédia. Rastros de ódio. John Ford. Índios lutando pelo último pedaço de terra. Ouro. Minas abandonadas. Trens de ferro avançando pelas planícies, espantando lobos, bisões e coiotes. Anos de busca e sofrimentos. Cabeças de gado deixando uma cortina de poeira pelo caminho. Um cenário é mais do que um lugar. John Wayne desaparece no meio da solidão do deserto. No domingo que vem, a Virgem de Fátima chegará a esta cidade. Ainda há fé. Lenços brancos agitarão com sua chegada. Carros buzinarão ao longo do percurso. As ruas serão enfeitadas com serragem colorida e flores. Estou recuando neste caminho, tentando encontrar o cheiro da chuva. A tempestade foi levada por uma forte ventania. Todos ficamos expostos. É perigosa a tarde de domingo. Napoleão está na janela a olhar para a rua. Não há ninguém.

Napoleão começou a pensar numa forma de investigar a vida. O que era a vida? Por que nascemos? Qual a razão da morte? Teríamos vida após a morte? Ou seria um beco sem saída no fim do túnel? Para isso, consultava as estrelas. Todas as noites, com o céu estrelado, olhava um bom tempo para elas. Aprendeu a ficar em silêncio. Depois, silenciou a mente. Era difícil realizar esta tarefa, conforme idealizara para si. Mas, noite após noite, ia tentando. Tinha que deixar bem claro o que veio fazer aqui. Sofreu o primeiro impacto quando notou que sua percepção alterava um pouco. Olhar para o alto cansava

o corpo, cansava os olhos. Foi quando notara um pequeno desajuste. Seus olhos distorciam a visão do seu objeto. Isto é, quando olhava fixamente por mais tempo para as estrelas, seus olhos modificavam o campo de visão. Esta seria a razão principal para continuar a investigar sobre a vida. Vários temas sobre o assunto embaralhavam sua mente. Mas quando aprendeu a olhar para as estrelas, aquietou a mente. Ele formulava uma pergunta para uma das estrelas que via brilhando. Ao entrar em sintonia, notava que ela aumentava seu brilho. Piscava como fazem os quasars. Estava entrando em contato. Era uma sintonia.

A primeira pergunta que fez foi sobre coisas invisíveis. Como seria o tempo dentro da dimensão da nossa galáxia, à qual pertencia sua estrela. No princípio, nenhuma resposta. Mas ele continuava com a mesma pergunta, embora tivesse milhares de outras perguntas atormentando-o, congestionando sua mente. Tudo era muito complexo. Nada era tão fácil assim. Mesmo sendo merecedor de uma resposta. De um simples sim, ou, um mero não. Podia tentar outra solução. Invocar Mephisto! Ele devia saber das coisas! Mas não seria a mesma coisa. Mephisto poderia mentir para ele. Por se sentir em desvantagem, poderia armar uma cilada. Mephisto tinha uma lábia envolvente. Falava palavras difíceis, uma linguagem barroca, enfeitada. Era preciso tomar cuidado. No momento, Mephisto estava fora de cogitação. A dúvida gerada por ele tinha que ser solucionada por ele mesmo. Ele era o instrumento adequado. Alguma fórmula secreta, invisível, seria um dia conectada à sua percepção. Era o primeiro passo. Um dia, cansado da mesma posição, ficou a inventar gestos, como se ele fosse um bailarino. Chegou a improvisar passos, mas por falta de técnica e equilíbrio, não funcionou. Foi aí que ele percebeu: precisava ter equilíbrio. Também uma técnica. Que poderia levar anos a fio. Já era o primeiro passo.

Agradeceu à sua amiga lá do alto que emitiu alguns reflexos concordando. O mundo era objetivo dentro da sua trajetória. A terra girava ao redor de si e girava ao redor do sol. Era um fato astronômico confirmado. Mas deveria haver uma escala diferente neste universo lá de fora que interagira com o pequeno universo onde vivíamos. Ou um elo perdido. Ou uma história a ser contada. Tal como Teseu que recebera de Ariadne o fio de lã para encontrar o caminho de volta do labirinto. Deveria haver um fio invisível nesta confusão toda. Mas onde estaria este fio? Estaria perdido? O materialismo cada vez maior da nossa mente concreta obstruía a possibilidade de visão dele? Havia uma escala diferente no além do universo para o além do humano. O universo empírico e insondável estaria cronometrado à nossa experiência terrestre? Qual seria a previsão limitada de nosso alcance? Achou que a religião talvez fosse uma saída. Mas a estrela não brilhou concordando. A

religião tinha mais um compromisso social, de prender o homem dentro do seu complexo ilimitado de reações imprevisíveis. Ajudaria a pensar sobre o bem e o mal. As tábuas de Moisés foram a base para as primeiras leis humanas. Não poderia menosprezá-las, pois vinham de muito tempo, provenientes da consciência aberta, assinalada pela sarça ardente. Mas o que um olho pode captar? Um pouco de clareza dentro da escura noite mais solitária da sua vida. Seu corpo não obedecia a nenhum controle físico. Estava leve. Suave, quase livre. Sem estar preso a nada, a nenhuma amarra que pudesse impedi-lo, sentia-se flutuar.

Napoleão, sonhando ou não, levitava, desafiando o limite de si mesmo. Tinha feito a sua escolha. A vida é uma estranha viagem. Um pesadelo, mas era verdade.

Aquela sua janela poderia ser a janela da sua vida. Mas não era bem assim. Havia outras janelas. Muitas outras. Cismou com isso. Naquela manhã, depois das dez horas, saiu de casa. Trancou o portão com o cadeado. Respirou fundo. Olhou para o céu. Um céu azul, com poucas nuvens do lado norte. O sol a pino prometia esquentar mais. De relance, deu uma olhada panorâmica. As janelas!

Viu-as todas ou quase todas de uma única vez. Pareciam olhos fechados de uma casa. Riu com a comparação. Não conseguiu encontrar nenhuma aberta. A maioria, protegida por grades. Outras, de alumínio. Nenhuma de madeira, como a que tinha no seu quarto. Como a rua era só de casas e sobrados, todos tinham o mesmo comportamento. Desde que uma das casas, a última do lado esquerdo de quem vinha do centro em direção ao bairro fora assaltada, os cuidados redobram. Antigamente, deixavam as portas abertas. Colocavam cadeiras na calçada, os vizinhos passavam o tempo assim. Com a televisão, abandonaram esta tradição. Andou mais um pouco, mais devagar. Uma janela azul escuro, outra azul cerúleo por assim dizer. Mas abaixo, outra pintada de verde. Combinando com o rosa das paredes. Um pequeno jardim com roseiras floridas! Sentir o perfume de um botão de rosa orvalhado! Que coisa mais instigante! Eram rosas vermelhas. Será que as outras também eram vermelhas?

O proprietário ou proprietária lembrar-se-ia de podá-las na época do inverno? Uma rosa desabrochando, abrindo suas pétalas aveludadas. Uma vida curta. A delicadeza das flores sempre o incomodara. O tempo não perdoava nem mesmo as rosas. Nada era eterno. Nada do que seus olhos viam ou podiam captar. As paredes das casas envelheciam com o calor, o frio, as chuvas. Os seres humanos envelheciam com o passar das estações. Até que suas vozes

perdiam o elo de comunicação, tornando-se roucas, pequenas. E definhavam. Vozes falaram de amor. Vozes da morte. Uma janela aberta por sinal. Era a da sala de visitas da pianista. A janela, envernizada, deixava aparecer os veios da madeira. Uma cortina tampava a visão do interior. A uma hora dessas, Mephisto com certeza estava dormindo dentro do seu piano de armário. Mas a única janela aberta o incomodava. Era uma fenda no tempo. Uma abertura densa e dissonante.

Napoleão acordou com uma forte impressão. Sonhara novamente aquele estranhamento. O local era o mesmo de sempre. Uma ilha não muito grande. Porque nos sonhos anteriores conseguira andar por ela. Uma casa pequena, com pouco conforto, ficava perto de uma colina. Do alto, avistava a imensidão do oceano. Além de algumas gaivotas sobrevoando o mar em busca de alimento, ninguém mais. Nenhum animal, ninguém. Um barco aportava ali, uma vez por mês. Estava em Santa Helena, uma ilhota abandonada no Atlântico, nas costas do continente africano. Mas porque ele fora parar ali? Quem o levaria?

Sentara-se num pequeno banco isolado na praia. Uma vegetação rasteira, o marulhar das ondas, o céu infinito, uma brisa constante! Não era isso o que lhe faltava na vida? Um lugar distante, perdido no mundo, sem ser incomodado por ninguém? Estava ali em busca de sobrevivência, sem sombra de dúvida. Olhando para o grande silêncio à sua volta, lembra a nostalgia de um passado, somente registrado em sua memória. Um mundo saturado de imagens, enlouquecido de palavras e sons. A precariedade da existência revelava a impostura da própria condição humana. Solitário, o homem não passava de um farrapo humano. Estava diante de sua culpa. Teria que expiá-la no tempo do mundo. Pediria ao vento que espalhasse suas cinzas ao mar. Seria este o seu momento universal, sua poesia dolorosa. Napoleão cobriu o rosto com o lençol. Virou-se de lado. Tentaria dormir novamente. Será que voltaria à sua ilha? Afinal, Santa Helena não era tão longe assim. Era uma questão de manter os olhos fechados.

A última vez que falara ao telefone com sua mãe foi numa bela tarde de outono. A voz dela estava debilitada. Ela estava preocupada. Não dormia nem estava se alimentando direito. Sugeri que procurasse um médico. Quem sabe

uma vitamina poderia remediar a situação. Mas seu estado se agravava. Imaginei que necessitava ser medicada com hormônio. Para que suas fixações desaparecessem por completo. Ela estava inquieta. Dentro do seu limite. No limiar de sua alma. Desconcertando-se com o mundo. Com a necessidade de embelezar a casa. Reclamara das paredes descascando. Seu jardim, um dos seus passatempos prediletos, fora modificado. Pela última vez, dissera ela.

A última. Depois, se não posso ter nem mesmo o meu jardim, para que servem as plantas? Cortaram o pé de São Miguel com suas constantes floradas azuis intoxicadas de roxo, a que eu chamava de azul de Minas. Vinha tendo crises mais constantes. Uma semana estava de excelente humor. Dizia feliz ao telefone que mudara de vez sua maneira de agir e de pensar. Era uma outra Manuelita! Certa vez, numa de suas crises conjugais, fomos caminhar até a pedra, um local distante da cidade. Precisávamos subir por uma trilha coberta de mato, areia e poeira de ferro. A pequena estrada apresentava diversas tonalidades. Pelo trajeto, colhia flores secas para seus admiráveis arranjos. Ao chegarmos lá, ela conseguiu um graveto e escreveu seu nome na areia. Feliz, diante da beleza da paisagem, com os olhos brilhando com a luz do sol sufocando seu rosto, disse: “Esta é a nova Manuelita”. Do outro lado da linha, ela estava ausente. Ofendida pelos maus tratos, pequenas peças que o cotidiano lhe pregava. Como num teatro de comédias. Risos e lágrimas. Então, ela desiludira de tudo. Amigas, passeios pela cidade, a sorveteria, as novidades das lojas, as missas de domingo. Enclausurou-se no tempo de sua vida. No tempo da sua não escolha. No tempo do amor doente, canções românticas, boleros e lágrimas. Dores na alma são eternas cicatrizes. Ruas da amargura, casas da solidão, jardim de lírios. Cada pedra é pedra de um labirinto, onde piso. Com minha mãe segurando minha mão, numa noite estrelada e fria, caminhamos junto com os fiéis pelas ruas abandonadas da cidade. Cerimônia da sexta-feira da Paixão. O encontro da Mãe com o Filho, carregando a pesada Cruz. A Verônica mostra o véu. Canta com uma voz grave. A morte está por perto. Inesquecível. Milhares de velas acesas envoltas em papel celofane. A alma humana é uma talagarça de rendas. Minha mãe olha admirada para a cena. Identifica-se. Transtorna-se. Silêncio profundo e encantamento! Mas não pode mudar o fio de fina linha da sua história. Somente repetir os mesmos passos, a cada ano, se for possível. Se destrancarem todas as portas da casa, o portão de entrada, a porta da sala de visitas, do corredor, dos quartos, do quintal. Sinto o calor confortável da sua mão apertando a minha mão. A procissão caminha. Nossos cabelos estão cobertos de orvalho. A temperatura caiu bastante. “Quem cresce vendo a procissão de Sexta-Feira Santa não se livra dela jamais”, foram suas últimas

palavras. Inesquecíveis, as estrelas das noites geladas de Minas. Todos cantam a mesma litania: “Pecador agora é tempo”.

O corolário de todas as suas lembranças estava naquela ilha. Tinha certeza disso. Só conseguia visualizá-la em sonhos. Era um lugar estranho do qual precisava escapar. Não sabia como. Quando se deu conta, estava dentro de um deles. Perdido entre árvores, rochas vulcânicas, pânico e mar por todos os lados. Estava amordaçado, por assim dizer. Era um prisioneiro. Mas de quê? Ainda não sabia. Aquela noite parecia interminável. Sentado naquele banco, olhando o vazio da imensidão do mar, apoiando o rosto com as duas mãos e os cotovelos nas pernas, sentia o ocaso da sua vida. Idêntico ao marulhar das ondas, indo e vindo, sucessivamente. Cada uma delas potente, enorme, furiosa, desvanecendo-se na praia, plenas de poder. Até o último momento poderia ter o seu encanto. Mesmo tendo suas próprias restrições, a verdade era uma só: ele estava lá. Numa ilha, cujo nome queria se lembrar, sem saber o que, pelo menos naquelas primeiras horas de exílio e solidão. Logo mais, uma poeira luminosa de estrelas inundaria o céu. Lembrou-se de algumas notas musicais, na certa, o tema de alguma música. Agora conseguia identificá-las. Um pequeno trecho da Sétima, de Beethoven. A célebre Marcha Fúnebre do segundo movimento. Ela estava ali, irrevogável, com todas as notas traduzidas pelos naipes da orquestra.

Napoleão estava recostado no muro, a alguns metros da sua casa. Estivera lá por um bom tempo. Não tinha certeza de como chegara lá. E porque não estava em sua casa, deitado na sua cama. Tentou abrir os olhos. Fez um esforço para se levantar. Suas pernas não lhe obedeceram. Deixou-se cair. A cabeça pendeu para um lado. A perna direita, na posição de movimento. Os braços caídos, abertos, criando uma forma. Napoleão era a própria imagem de um crucificado. A quem por lá passasse, na certa sentiria compaixão. A paisagem era deslumbrante. Napoleão nunca havia estado lá. Ele via uma estranha forma de prisma numa elevação. Olhando-a pela luz irradiante, poderia ser transportado até os limites do universo. Uma disputa entre a harmonia e a invenção. Havia ordem e inspiração. Uma melodia diferente espalhou-se em ondas sincronizadas. Um momento de introspecção lírica tornando-a expressiva e nostálgica. Napoleão, mais uma vez, era envolvido pela música compactuado com Mephisto. Talvez fosse coisa dele. Sonoridades

inesperadas. Ora doce como uma flauta. Ora poderosa, sustentando uma harmonização rica, seguindo a progressão gradual dos violinos. Uma música repleta de iluminação. Napoleão rastejava igual a um caracol. A lua embaciada fugira do céu. O mar bramia. Os joelhos fraquejavam. Queria olhar a sua face, a face de um ilusionista. Olhar e não ver. Mas há ainda uma outra face, invisível. Usada como se usa uma máscara no carnaval de Veneza. Sua alma guarda esse rosto trancafiado na antecâmara do inferno. Do mundo exterior tudo lhe é negado. Lá dentro, nada lhe é concedido. A utopia é pedida emprestada. Napoleão conhece suas carências. Elas ameaçam em vida. O fim natural das coisas.

Longas agulhas que dilaceram a terra. Constrangido, escolhi o silêncio. Um botão de rosa vermelha enfeitiça a volúpia de uma abelha bailarina. Trago no olhar a mordaca dos ritos do meu passado, das minhas ilusões. Tento desvendar os mistérios dos deuses dentro de mim, meus pensamentos. Dionísios reaparece com seus encantos, a brandir uma coroa fulgurante. Permeando o vazio do espaço, a música delineia o tempo. Sons fragmentados da minha vertigem nesta bucólica paisagem. Onde os infinitos reinam, vassala secreta saudade. A Via Láctea, uma partitura aberta. Botelhos tem sete punhais de prata cravados no coração, sete.

Napoleão rabiscava frases no caderno de notas. Quase todos os dias entrava numa espécie de torpor. Sua prisão involuntária marcada pelo sofrimento. Ela existia às dez horas da manhã. Depois, ele fechava o caderno e o guardava na gaveta da mesa, junto com a caneta esferográfica. Entre seus guardados, uma bússola que não indicava o norte.

Quando ele está diante do pequeno espelho emoldurado por uma fina madeira pintada de abóbora, não olha dentro dos seus olhos. O movimento da lâmina cortando os fios brancos da barba hipnotiza-o. A única luz do banheiro o impede de se ver. Há tempos que seus gestos repetem os mesmos gestos. Banhar-se, escovar os dentes, usar o sanitário, fazer a barba, passar a mão na cabeça ajeitando o cabelo. Vestir sua roupa, sempre limpa e bem cuidada, porque é ele quem cuida. Faxina seu pequeno palácio, perdido entre montanhas e montanhas de concreto. Um labirinto de fios e tijolos, areia e cal, cimento e céus. Um lugar onde o abandono é certo. Não há mais certeza de

esperança humana para esconder detrás daquela única porta. Nem discernimento. O resto de coragem para explorar esta imensidão, chega aos poucos. Vem em pedaços.

A porta da sua imaginação abriu de novo. Parecia bizarro o lugar onde estava. Na rádio Cultura, o tenor Roberto Alana solava “Che gelida manina”. Tudo o que ele tocava não era a mesma coisa que ele tocava. Todos os objetos do quarto eram objetos seus, mas não eram objetos do seu quarto. A música soava distinta, mais etérea. No seu coração, fazia parte de um passado. De uma organização. Pedaco da História, encravado no tempo. Olhou para as mãos. Os dedos longos e finos davam-lhe um aspecto aristocrático. Nas linhas marcadas leram seu destino. Uma cigana tomou-lhe a mão, pediu uma moeda. Olhou dentro dos seus olhos e predestinou. Uma coroa de ouro e pedras preciosas. Delas, jorra sangue, muito sangue. Patas de cavalos brancos assolam cidades, vilas e campos. Nos ombros, uma capa de veludo carmesim orlada com uma pelerine branca. Nas linhas da mão direita, um destino escuro, embaçado. Desterro e solidão. Uma farda azul com galões dourados. Uma farda em farrapos. Botas sem o brilho do couro. Uma espada enferrujada escondida nas vitrines de um museu em Moscou. “Moedas de ouro, moedas de mouro”, ela fechou sua mão direita. Cuspiu em seguida. Tinha uma mancha de sangue no seu escarro. Com o sapato, pisoteou a fonte do seu ventre. “Moedas de ouro, moedas de mouro”, cantarolou, serpenteando os braços nus. Sua voz soava doce e frágil. Veste saias coloridas de babados sobre saias compridas. Os cabelos negros numa única trança. Pulseiras nos pulsos e um lenço de seda na cabeça. Flamengo andar ela dança. “Seu reino pode ser maior do que imagina. Vejo neve e pó. Muita neve. Mais pó”. Dança de mãos, flamengo andar. O canto jondo: “Uma malha negra envolve seu coração. Para sempre em pedaços”. Brincos de ouro, muito ouro. Napoleão olhava para as mãos. Não eram bem suas mãos. Não as sentia como suas. Nenhum pressentimento, nenhuma perspectiva. Nenhum horizonte. Nem mesmo um sinal. A paisagem ao redor era uma paisagem estática. O olhar de um único enquadramento. Envelhecera precocemente. A juventude desvaneceu sem deixar traços. Tornou-se prisioneiro de um lugar que desconhece. Despediu-se de si mesmo com lágrimas nos olhos.

Eles eram a imagem da solidão caminhando juntos. Aos seis anos, Napoleão arrumou um emprego. Condutor de cego. Perto de sua casa morava um vizinho cujo filho mais velho era cego. Não podia trabalhar. Então seu pai sugeriu que ele mendigasse de porta em porta. Contratou o menino que ainda nem freqüentava a escola. O pai do menino concordou. Napoleão pegou o cego pela mão e seguiram para sua primeira missão. Andaram pelas ruas mais movimentadas do bairro mais próximo que não os conheciam. Batiam na porta. Vinham abrir. Napoleão dizia: “Dá uma esmola pro cego?” Recebiam centavos, alguns trocados. No final da jornada, o menino recebia uma porcentagem. Ele corria até seu pai, entregava-lhe o dinheiro. Ficava contente quando o pai examinava as moedas, contava, recontava, depois enfiava-as no bolso. Olhava para o menino e repetia num tom de voz movida à cachaça : “Traz mais amanhã”. O menino olhava para o pai. Tentava uma desculpa : “Eles não dão, pai”. No dia seguinte, pela manhã, Napoleão chegava à casa do cego que o esperava na porta. Desciam a rua. O cego acompanhava apoiando a mão direita no ombro do menino. Seu cão guia. Tornaram-se amigos inseparáveis. Era o olhar do outro. Napoleão achava seu trabalho importante. Era o condutor do amigo pela vida, pelas ruas da cidade. O cego se chamava João Estrela. Napoleão achava graça. Dizia que a estrela dele não brilhava na noite. João ria também. Respondia que sua noite era muita escura. Um lugar para as estrelas se esconderam. Ou se perderem, tanto faz. Mas João tocava música numa gaita de mão. Ganhara-a há um bom tempo, de um tio que passara por lá em sua casa, mascateando. Aprendera de ouvido. Tocava o Hino Nacional quando queria impressionar, fazer figura. Quando estava sozinho, soprava um bolero, um tango, música caipira. Napoleão teve uma idéia, ouvindo-o, agachado a seu lado, jogando pedrinhas na rua empoeirada. Se ele tocasse no jardim da praça, ele ficaria do lado segurando o chapéu? Será que daria certo? Não, não daria. Teria que experimentar. Mas ele nunca tocara em público. Sempre tem a primeira vez. Então vamos lá. Saíram felizes da vida. Foram para a praça mais movimentada. João sentou-se num banco. Napoleão achava que se tocasse de pé, seria melhor, impressionava mais. Obrigou João a se vestir melhor, apesar da roupa sempre suja e remendada. Napoleão levou um velho paletó que fora de seu avô. Ninguém o usava mais. Vestiu-o no João. Ficara ótimo. João, meio nervoso, suando um pouco nas mãos, ouviu primeiro o burburinho do local. Escutou alguns pássaros. Os sons humanos o incomodavam. Resolveu acompanhar os pássaros. Começou a tocar para as

aves que se congestionavam nas árvores. Ora desciam na grama em busca de formigas. João tocou várias músicas. Quase ninguém parou para ouvi-lo. Neste dia ganharam bem menos. A estratégia não dera certo. Napoleão, com

seu instinto de comerciante, achava que devia fixar naquele ponto. As pessoas acabavam se acostumando. Ele podia ficar famoso. Ser convidado para tocar em algum programa de rádio, bem cedo, de manhã. Já pensou? João tinha lá suas dúvidas. Mas resolveu confiar no instinto administrativo do amigo. Marcaram ponto lá. Um dia João deu entrevista para o jornal do bairro com foto e tudo. Foi só. Nada mais de especial aconteceu além da rotina. Fazia sol, chovia ou fazia frio, tudo aquilo foi ficando aborrecido. Napoleão já não ficava mais por perto. Saía para a rua, confinava-se nos bares. Abandonava o amigo à própria sorte. João não se lamentava. Fazia parte do seu fado deixar-se levar.

Um dia, Napoleão teve uma outra idéia. Em vez daquela praça sem graça, porque não buscar outra motivação? Conhecia um local onde João iria gostar. Não ganharia dinheiro, mas seria divertido. Tomaram duas conduções. Ficaram mais de duas horas dentro delas. João perguntou para onde estavam indo. Era surpresa, advertiu o amigo. Fica muito longe? Não, fica perto. O último ônibus chegou ao fim da linha. Desceram e caminharam um bom pedaço. João sentia o cheiro diferente. Não tinha cheiro de casa, nem de gente, mas de terra, de árvore, de ar puro. Depois, cheiro de água. Chegaram à uma represa abandonada, cercada de morros. Napoleão descrevia o lugar. Ali na frente, uma montanha muito alta, coberta de mato. A outra é menor. Vamos nadar. João teve medo. Não sabia nadar. Napoleão sabia. Podia ensinar. Era a coisa mais fácil do mundo. João sentou-se à beira, numa pedra. Tirou as maltrapilhas chinelas havaianas e colocou os pés nas águas. Eram frias, mas as correntes logo o deixaram calmo, massajando os pés e a metade da canela.

Ambos riam. Napoleão tirou a roupa e se jogou na água. João ouvia suas braçadas, seu riso farto, seus gritos de alegria. Pegou a gaita. Insinuou uma valsa. Uma música que falasse de água. Uma música para os deuses da água.

Deuses da água? Você tá louco? Não, eles existem. Ouça-os. Seu bobo, tudo imaginação sua. Não é não. Eles estão sob a água. Nos observando. Talvez gostem da minha música. João ousou mais no som, inventou acordes, soprou a música da alma. Napoleão parou de nadar. Aproximou-se do amigo. Nunca o vira tocar assim. Ouvia em silêncio, secando-se ao sol e ondulando com os pés a imensidão das águas abandonadas. João foi mais longe. Tirou a roupa. Completamente nu, entrou na represa. Napoleão teve um sobressalto. João não sabia nadar. E se ele se afogasse? João caminhou pelas águas barrentas do fundo da represa. Deslizou por ela. Sentia um grande prazer invadindo seu corpo. Pela primeira vez seu corpo era tocado desta maneira inesperada. Continuou tocando sua música delirante, embriagadora. Em dado momento, pisou em falso, as notas soaram desafinadas. João mergulhou fundo e desapareceu dentro da represa. Napoleão levou um susto. Aguardou que ele

retornasse à superfície. Nada. Nervoso, gritou por ele. Depois mergulhou, uma, duas, três, várias vezes. Até perder o fôlego com as lágrimas sufocando sua respiração. Esperou mais um pouco. Vestiu suas roupas e voltou para o ponto de ônibus. Pediu ajuda. Entre lágrimas, ninguém lhe dava atenção. Até que viu uma viatura da polícia. Correu até lá. Entrou no veículo e chegaram em pouco tempo à represa. Nada de João. Suas roupas estavam à beira da represa. Vieram os mergulhadores do Corpo de Bombeiros. Nada. Nenhum sinal do amigo.

Ele era cego. Porque vieram para cá? Ele queria tocar para os deuses. Que deuses? Os deuses da água. Veja no que deu. Ele nem sabia nadar. Não leram a placa proibindo a entrada de pessoas estranhas? Não sei ler. Depois de horas, desistiram. Voltariam no dia seguinte. Coube à polícia fazer a ocorrência e devolver Napoleão para os pais. Foram dar a notícia para os parentes de João. Napoleão escutou um choro. Alguém chorava com desconsolo abraçado à roupa do cego. Quem tivera a idéia de levá-lo à represa? Um local perigoso. Não viram a placa avisando? Deus o castigara mais uma vez. Uma punição divina. Dias depois encontraram seu corpo. Na mão direita, a gaita. Não conseguiram tirá-la da sua mão. Sua memória. Seu desafio. Suas impressões digitais. Seu amor. Sua guerra pessoal. Sua ideologia. Sua desventura. Sua ilusão. Sua utopia. Seu sonho impossível. Sua caverna de sombras. Sua pulsação. Seu desconforto. Sua febre. Seu caminho. Seu sorriso. Sua angústia de. Sua...

Opala. Opalina. Opala de fogo. Lamelas finas e encurvadas. Opalanda. Opalescência. Opala nobre. Irisão. Aparência leitosa. Opalino azulado. Opalizante. Tua pele.

Talvez tenha começado antes. Num dia desses, quando a gente cisma com alguma coisa e aquilo fica martelando na mente o tempo inteiro. As primeiras imagens que surgiam na sua tela mental eram imagens desgarradas, de seres que são eliminados num piscar de olhos. Desaparecem como num sonho. Acordamos e eles deixam de existir. Ou, na realidade, estão abandonados num canto qualquer da cidade. Suas almas mortas apodrecem seus corpos ao sol e à chuva. Nas noites estreladas ou de lua cheia. Tanto faz. São mortos vivos, ambulantes das ruas sujas. Mortos sem donos. Neste ponto eles se consideram livres. São pretensos donos de si mesmos. Encaram o mistério insolúvel da

vida e da morte. O destino de cada um relaciona-se ao da própria sombra. Nada os surpreende nos seus caminhos diversos. Sobrevivem quando se embriagam dos miasmas exalados dos bueiros fétidos e do lixo apodrecendo nos sacos plásticos. Vivem o seu limite. É um mundo sombrio. Nada pode ser explicado racionalmente. Da soma de todos os elementos que circulam pelas ruas, surge uma reflexão sobre a existência humana. Com a autenticidade sem mistérios. Eles são uma carne instável, confinada. São apenas imagens. Outdoors da alma. Um olhar sem vida, mas que esfarela o tempo. Um corpo terminal adentrando outro corpo justaposto ao seu. Colagem sobre colagem. Vida sobre vida. Morte desgastando a morte. As faces do circuito da dor. Goya fotografado de tempo em tempo. A chuva molha todas as lágrimas embutidas. Eles não choram porque querem. Choram porque existem. A chuva cai sobre seus corpos mutilados, mas nem assim se sentem limpos. As gotas permanentes rasuram seus desejos. O desejo de realizar algo desaparece com o ritual dos trovões. Uma parede transformada em rosto ressurge na esquina. Alguém, como Goya, está sentado diante dela, examinando-a com um olhar traído.

Seu próximo retrato será o de um corpo embrulhado em jornais. As emoções estão secas. Na vertente de um segundo, eu posso morrer. A alucinação de um desastre. A fragilidade da respiração. Seu corpo não constrói nenhuma imagem. Porque não tem movimentos acomodados. Nem reproduzidos. Existe uma precariedade constante emoldurando as horas. Elas passam e passam.

Elas anunciam uma canção de Schubert. Fragmentada de notas e palavras.

O lamento do pastor. Delicadeza de fraseado, elegância de timbre. Precisão no acompanhamento do piano. Esta música ultrapassa as fronteiras da vida.

Um dia desses, Napoleão recebeu um folheto. “Se estiver carregado ou com dificuldades financeiras, no amor, procure Madame Desirée”. Leu o endereço. Ficava num bairro mais distante, na periferia. Tinha um telefone solicitando marcar dia e hora. E também o valor da consulta. Guardou o folheto verde.

Poderia ser útil algum dia. Napoleão andava mareado. Com um certo cansaço. Dormia muito. Estava sem apetite. Acordava sonolento. Talvez estivesse carregado e precisasse de um banho de ervas com sal grosso. Numas sexta-feira, antes de dormir, tomou um banho de descarrego. Ferveu numa panela com dois litros de água, uma porção de sal grosso, um punhado de abrecaminho, pimenta do reino, canela, cravo da Índia, espada de São Jorge, guiné, arruda.

Depois de fervida, coou tudo e jogou sobre seu corpo aquela poção milagrosa. Dormiu bem, acordou bem disposto. Mas teve um sonho esquisito. Via uma mulher com um turbante vermelho chamando-o. Logo que se levantou, deu de cara com o tal bilhete verde. Devia ser um aviso, uma coincidência. Ainda

tinha um cartão telefônico. Foi até à rua, ligou para ela. Uma voz com sotaque estrangeiro atendeu. Ela era, Madame Desirée. Marcou a consulta para a tarde, depois das quatro horas. O dinheiro que sobrara para as despesas dava para pagar a consulta. À tarde, tomou o trem. Há tempos que tomava o trem.

Pessoas estranhas, esquisitas, enchiam a plataforma, lotavam os vagões, seguravam-se do jeito que dava. Um cheiro forte misturado com perfume barato e desodorante infestava o ar. A maioria usava tênis e uma roupa surrada. Napoleão sentiu-se deslocado no meio deles. Havia colocado uma calça jeans seminova, uma camiseta diferente, importada. Calçava sandálias, porque era o único calçado que seus pés cheios de calos suportavam. Além do mais, sentia um calor inoportuno nos pés. Com receio de ser assaltado, fez uma oração contra roubo antes de sair. Os que estavam sentados, dormiam. Voltavam do trabalho exaustos, depois de um dia mais cansativo ainda. Este pessoal sem estudo, sem muita formação era muito explorado. Davam duro mesmo. Mal vestidos, mal alimentados, morando em residências precárias, sem nenhum conforto, cumpriam suas obrigações. Nada mais. No final do mês pagariam mais uma prestação e assim, aos poucos, iam enchendo a casa com aparelho de som, máquina de lavar roupa, televisão, vídeo, um espelho emoldurado na parede, um quadro de São Jorge, uma cortina barata, roupas compradas na feira. Se houvesse mutirão, ajudariam na construção de mais outra moradia, ou mais um cômodo que servisse de quarto para que a família, aumentando a cada ano, dormisse menos amontoadas. Na última estação, Napoleão desceu com

os últimos passageiros. Informou-se onde ficava a rua do folheto. Era distante, teria que andar um pouco numa estrada de terra e poeira. As casas muito pobres foram rareando. Algumas árvores como mangueiras, pés de abacate, laranjeiras erguiam frondosas, plantadas a esmo. Algumas poucas flores, na maioria silvestres, nasciam conforme a estação. Pássaros pousavam na cerca de bambus que separavam um terreno do vizinho. Napoleão estava preocupado. A direção que lhe deram era aquela mesma. A casa ficava atrás de uma grande paineira. Não tinha como errar. Consultou novamente o folheto verde. O nome Desirée era um tanto estranho, principalmente naquelas bandas. Esperava não estar com a má estrela. E que a mulher lhe falasse coisas do futuro, coisas boas. Do passado, tudo estava morto e enterrado. Resolvera embarcar nesta aventura por acaso. Talvez pelo nome francês da vidente. A curiosidade falou mais alto.

O mato ladeava a estrada poeirenta. Sentiu um pouco de contração na batata da perna. Na certa, câibra, pensou. Abaixou-se e massajou a região. Continuou andando sentindo uma fisgada. Dava para agüentar. Pensou novamente na mulher. Como seria ela? Sua mente abriu espaço para alimentar uma ilusão.

Não custava nada imaginá-la. Se fosse diferente, levaria um susto, errara na composição do personagem. Começou pelo nome francês: Desirée. Ela fora uma amante do grande conquistador. Depois leria mais sobre ela. Mas a vidente deveria ter sido uma empregada doméstica prestando serviços na casa de uma francesa. Era isto. Achou graça. A francesa, na certa, resolvera um dia pôr cartas para as amigas, comprou uma bola de cristal, tinha dons mediúnicos.

Aos poucos, aumentou a clientela, tinha uma freguesia certa. Foi assim que aprendera algumas palavras em francês, como bonjur e bonsoar. Como aprendera de ouvido, não sabia escrever em outra língua, mal dava para o gasto em português, pensou que já era importante. Quem chegasse, ela recebia com uma vênia, um sorriso mostrando os dentes alvos, o uniforme impecável. Afinal, ela era quase a dona da casa: Madame Terèze. Ela era quase. Um dia pediu que ela lhe desse um nome estrangeiro. Severina, ela carregou no erre, é um nome tão bonito. Muito vulgar, ela comentou. De onde eu vim, todo mundo tem este nome. É uma praga. Vou pensar um pouco, retrucou a madame. Deixe eu pensar. Vou consultar a bola de cristal. Venha comigo. Dirigiu-se à sala de consulta, sentou-se diante da “clarividente”, pois ela se dizia assim, e a sessão começou. Passando as mãos sobre a bola de cristal, bocejou, teve dificuldades respiratórias, até que, com uma voz mais arrastada, como se tivesse com as cordas vocais roufenhas, disse algo que deixou Severina atônita. Você irá me substituir. Eu sou clarividente. Você será uma vidente. Seu novo nome é, a partir de agora: Madame Desirée. Desirée? Oui, ma petite, Desirée. Soltou uma risada estranha, que parecia vir das narinas. Oui, Desirée, a amante do grande conquistador, general e imperador da França, Napoleão Bonaparte. Um privilégio, ma petite. Quando chegava uma cliente nova, Desirée, née Severina, dizia bonjur ou bonsoar, an momant, silvupré. Depois, com uma vênia exagerada, dobrando uma das pernas, convidava a freguesa um tanto assustada e ao mesmo tempo intrigada, a aguardar um pouco. Asseievou, insistia para que se sentasse. Caso ela não conseguisse decifrar, optava pela língua oficial mesmo, a contragosto. Sente-se, silvupré. Volto já, vou anunciá-la. Pronto, perdera mais uma chance de estar por cima da carne seca. Voltava, com aquele sorriso perfeito para fabricar máscara, com um gesto estudado, convidava a visitante a segui-la até uma saleta pequena, com uma mesa no centro, repleta de quadros estranhos na parede, uma cortina de veludo marron escuro, o ambiente abafado, uma luz vermelha saindo de um abat-jour antigo. Sobre a mesa, uma toalha de seda vermelha. No centro da mesa, uma bola de cristal. Do lado esquerda, de frente para a janela, Madame Terèze aguardava. Usava um vestido escuro, tinha os cabelos ralos oxigenados, a pele muito enrugada, os olhos azuis opacos, as

mãos finas, as unhas em forma de garras, pintadas de vermelho vivo. Ma chérie, c'est un plaisir. Severina passou a ocupar a posição de auxiliar. Às vezes tentando traduzir a sua maneira, desfocando o teor das afirmações, sobre o olhar aprovador da clarividente. Aos poucos, foi aprendendo os sinais, os truques, como dar conselhos, bocejava, ficava meio zozona, perdia a noção de si mesma, da realidade da sala, até que começou a usar a bola de cristal quando estava de folga. Levou um susto muito grande quando viu algo pela primeira vez. Desmaiou com um grito. A velha senhora veio da cama, despenteada, com o peignoir roxo batata, acudir a afofada.

Com muito custo conseguiu deitá-la no chão. Ma petite, ma petite, ouvre les yeux. Mon Dieu, mon Dieu. Teve a feliz idéia de jogar um copo de água que mantinha ao lado, no aparador, sobre a face da jovem iniciada. Ela acordou com um susto, apontou para a bola de cristal, perdeu a fala. Parlez, ma petite, parlez moi. Correndo os dias, aprendeu a lidar com as imagens que apareciam na bola de cristal. No folheto, já se podia ler: clarividente Madame Terèse.

Mais embaixo, como num adendo: vidente Madame Desirée. Sua mente clamava por expressão. Algo estranho, muito estranho mesmo morava em sua alma. Um poder desmesurado crescia lá dentro e ela não tinha como controlá-lo. Suas narinas dilatavam, o cabelo todo eriçado, a voz esquisita, um olhar diabólico, pareciam adivinhar cada pensamento, qualquer retalho de dor. As convulsões poderiam ser um bom presságio, a baba na boca era meio esquisito, os olhos virados para dentro, a boca meio torta. Meio enfurecida, tentava a

repetir desordenadamente palavras em francês: a biantô, merci, ô revoá, presque jur, bonenui, quebeljur, lesolér é tré bô, jesuitrébian e vus?

Quésquicéqui vus vulê? Ô revoá, ô revoá, ô revoá... Sua mestra a examinava com um olhar inquisidor. Jamais seus ouvidos ouviriam dela as musicais palavras de sua língua. Jamais. Todavia, porém, dava para entender o que sua discípula tentava repetir feito um papagaio. Afinal, estamos num país tropical, abençoado por Deus, onde tudo é possível e as leis, mais permissivas, impossível. Vrai?

Napoleão duvidou um pouco do que havia imaginado. Poderia cair no ridículo ao constatar sua mentira. Mas também, se fosse verdade, seu poder mental alcançara raios ultragaláticos. Conseguira penetrar na mente de alguém, sacudir a poeira e visualizar pedaços de uma vida. Estava ansioso para chegar lá. Poderia sem sombra de dúvida ter retratado o avesso do otimismo. Estas coisas acontecem. Não poderia driblar a verdade. Como tudo o que sua imaginação abortara em frações de segundo poderia não funcionar muito bem.

Afinal, como todo ser humano, tinha suas fraquezas, ninguém estava isento de um vício qualquer. Poderia exhibir uma face oculta e revelar as suas melhores qualidades. Um atributo qualquer. Um jeito sem querer de estar fora de forma. O retrato sem retoques. Existe sempre uma maneira de comprometer a vida. O acaso é uma desses uniformes comprados em barracas de feiras, vendidas por ambulantes nas ruas em vésperas de jogos. É um jogo. A vida é um jogo. Ganhar ou perder. Cometer sacrilégios. Enganar a si mesmo. Refazer a vida. Rupturas e reatamentos estão todos os dias nas telas das tevês. Coisas de cinema. Fatos da vida real. No cinema, o tempo tem a exatidão de duas horas. Na vida real, o tempo é uma eternidade. O desconforto é total. Um ponto de vista que pode não funcionar muito bem. Mas a ilusão conta. Vale a ilusão enquanto ela persistir. Depois que você quebra a cara, ajuntar os cacos é muito mais complicado. Leva tempo. Sobreviver a uma vida. Viver de bicos. Fantasiar a derrota. Brincar com a vitória. Anunciar o nome de Deus em vão em praça pública. Fanatizar-se. Virar louco de verdade. Fantasiar suas emoções. Brincar de palhaço numa arena infestada de leões. Chorar de amor. Encontrar um beco sem saída. Não descobrir qual é a porta na sala de espelhos. Ficar teoricamente do mesmo lado do inimigo. Abraçá-lo como se fosse um anjo de verdade. Ou de mentira. Uma faca amolada nos olhos. Fazer da sua história, um grão de areia movediça, um momento mítico para a humanidade. Mesmo que ninguém saiba da sua existência. Mesmo que provem mil vezes que você nunca existiu. Você não tem um número de identificação, nem DNA.

Não tem dinheiro para jantar. Você luta mas o caos o enluta. Não há truques dentro de si mesmo. A imaginação é uma oferta da magia. Está pregada num poste. Tem um preço a combinar. Oferenda dos deuses. O que o fazia andar naquela estrada? O sonho? Olhou para o alto. A luz da tarde estava começando a diminuir. O portão pintado de vermelho da casa de Madame Desirée estava trancado. Napoleão bateu palmas. Esperou quase cinco minutos que poderiam ser a eternidade. A casa era de tijolos de barro, sem nenhuma pintura. As janelas de madeira, estavam pintadas de azul. Algumas margaridas espalhavam-se desordenadas pelo pequeno espaço ao redor. Uma voz meio roufenha gritou lá de dentro:” Pode entrar. A porta está aberta.” Napoleão abriu o pequeno portão de madeira pintado de verde e entrou. A porta da casa estava encostada. Abriu-a e deparou com uma pequena saleta com algumas cadeiras. Na parede, alguns quadros com estampas de santos: Nossa Senhora Aparecida, Iemanjá, São Jorge e Santo Antônio. Sentou-se e aguardou. A janela aberta mostrava o muro feito de tela do jardim. Do lado, o enorme tronco da paineira impedia metade da visão. Quando ele olhou para a porta,

Madame Desirée estava encostada no batente, com um sorriso. “Quer entrar, por favor?”

Usava um vestido comprido, uma espécie de bata azul com estampas floridas. Na cabeça, um turbante do mesmo tecido. Dois brincos de turmalinas falsas caíam das orelhas. Os dentes muito alvos. A boca com lábios grossos, pintados de vermelho. Os olhos negros, penetrantes. O nariz característico da raça negra. Ela era morena clara. “Meu pai era francês, minha mãe descendente de escravos”. Definiu-se assim, respondendo à minha curiosidade. Entramos na sala onde ela dava consultas. Dois incensos espalhavam fumaça e um perfume adocicado ao ambiente. Uma mesa pequena com duas cadeiras. Na mesa, uma vela acesa e a bola de cristal. Do outro lado, um copo com água. Ao redor, espalhados em várias prateleiras, vidros com cobras. Era impressionante a visão daqueles ofídios mortos, dentro de algum líquido, talvez álcool. Pareciam estar olhando para nós. O olhar vítreo delas hipnotizava e amedrontava.

“Não se preocupe. Elas são decorativas!”. Com um sorriso, sentou-se e fez um gesto com a mão direita para que eu a imitasse. Sentei-me na cadeira, tenso, as mãos suadas, sem desgrudar os olhos das inúmeras visitantes emparedadas nos seus túmulos de vidro. “O senhor pode pagar primeiro?” “Enfiei a mão no bolso da camisa, tirei trinta reais. Ela estendeu sua mão com as unhas pintadas de vermelho, contou as notas, guardou-as num bolso da túnica. Fechou os olhos, concentrando-se. Senti sua respiração ofegante. Com as duas mãos, envolveu a bola de cristal. Um frio invadiu o aposento. A fumaça dos dois incensos envolveu as mãos de Madame Desirée. Com os olhos ainda cerrados, ergueu-se até às prateleiras. Pegou um pote de vidro com uma serpente negra, trouxe para a mesa. Destampou o vidro. Aspirou vezes as emanções do cadáver da serpente, até entrar em profundo transe. Tive a sensação de que a serpente movia-se no vidro. O cheiro de clorofórmio invadiu a pequena sala. Com a mão direita, tampou novamente o recipiente. Um suor frio descia pelo meu rosto. Com uma voz roufenha, iniciou uma reza, com palavras ininteligíveis. O clima era tenebroso e ambivalente. Madame Desirée estava pronta para profetizar. Seus olhos revirados apontaram em minha direção. O tom da voz era impressionante e desconfortável. “Saberás o teu futuro, pouco dele aproveitarás. Lágrimas rolarão da tua face. Tua alma secará. A natureza humana é indecifrável. A história trouxe glórias, amores funestos, vitórias e grandes derrotas. Um campo inteiro coberto de branco, uma vastidão manchada de sangue. É um lugar sem saída. Não vejo caminhos, nem estradas. Apenas o branco desolador das profundezas das trevas. Podes me compreender?” Olhou para a bola de cristal. Suspirou fundo. Novamente a fumaça dos incensos envolveu suas

mãos. Era inacreditável. “Vejo duas ilhas em tua vida. Da primeira, escaparás. Da segunda, não obterás respostas. Na entrada, está escrito: “Toda partida espera o retorno desejado. Só tu perdeste o dia da tua volta”.“ Comerás batatas cozidas, teu corpo adoecerá e a pele sofrerá com a luz do sol. Cobrirás os teus olhos com um tecido negro para não olhares o dia nem a noite. Assim definharás e morrerás. A vida é um véu. Ela oculta os segredos mais profundos. Os significados só poderão ser decifrados com a luz. Quando a venda for retirada. Se assim não acontecer, seus olhos continuarão no escuro. Você estava com os olhos vendados, estava preparado para conquistar a destruição. Uma coroa de ouro e pedras preciosas ornamentará sua cabeça. Ela pesará como chumbo. Uma capa de veludo carmesim cobrirá seus ombros. Ela pesará como chumbo. Podes me compreender?” Fiz que não com a cabeça. Meus olhos estavam turvos pelas lágrimas. Minhas mãos e as pernas tremiam de medo. Voltou a consultar a bola de cristal. Deu uma gargalhada estúpida, assustando-me. “O nome da primeira ilha é Elba. O da segunda, saberás na hora oportuna”. Recomeçou com os cânticos, palavras estranhas repetidas numa cantilena, semelhante a mantras. Cantou por quase meia hora. A força que emanava daqueles sons perturbaram-me. Sentia-me zozzo, incapaz de me concentrar. “Ao cederes ao lado mais irracional da sua natureza, serás ferido no escuro. A glória é mais passageira que a fumaça. Não tem vida. Traz o sopro do sofrimento e da derrota”. Tive a impressão de que estava dormindo. Via meu corpo correndo, como num sonho. Não sabia o que estava acontecendo. Apenas precisava correr. Deixei a cidade e segui uma trilha. Atrás de mim escutava os latidos dos cães e as vozes irritadas dos soldados. Estavam em minha perseguição. Uma luz muito forte quase o cegou. Milhares de armas estavam apontadas em sua direção. Parou, ofegante. Ergueu os braços e se entregou à polícia. Foi revistado, algemado e levado num camburão. Na delegacia, o colocaram numa cela especial. Conseguiu escutar o que um dos soldados disse para uma repórter de televisão: “Prendemos ele, o rei do tráfico está na prisão”. A cela era fria e fedida a urina. A noite descobre seu manto de escuridão. Uma noite escura, sem estrelas. A noite dos desesperados, pronta para o abraçar como uma deusa. Napoleão foi chamado para interrogatório e cumprir as primeiras formalidades. Permaneceu em silêncio. Seu único escudo.

“É melhor abrir o bico, malandro. Senão, os “caras”vão fazê-lo falar no pau”. “Você vai ficar com o cu para cima e eles metem descarga elétrica nele, nos culhões. Nunca mais você irá foder ninguém, caralho”. Napoleão levou um tabefe na cara. Com as mãos algemadas nas costas, rolou pelo chão, entre assustado e cheio de pânico. Tentava organizar sua mente. O que realmente acontecera. Conforme gostava de dizer, a noite descobrira seu manto de

escuridão. Andara meio perdido entre vielas, casas paupérrimas, bares com um rádio de pilha tocando boleros, algumas pessoas bebendo cachaça ou traficando drogas. À luz das estrelas! Foi quando soltaram fogos. O dono do bar desligou o rádio, apagou a lamparina. Era hora de ir embora. A polícia cercara a região em busca de traficantes. Napoleão estava sozinho, entre as ruas vazias. Não conhecia aquele bairro. Morava neste local o maior contingente de camelôs, de desocupados, de retirantes vindos de quase todas as partes do país. Prostitutas e traficantes detinham o poder. Quando tentou entrar numa viela escura, foi cercado pela polícia. “Pegamos um”. Tentou mostrar os documentos, mas levou um safanão. “Deita aí, no chão, seu fodido”. É claro que a polícia queria “a droga” de traficantes. O tráfico corre solto entre os policiais. Na maioria, corruptos. Envolvidos em subornos, assassinatos, corrupção, drogas, sexo. Muitos deles freqüentam assiduamente “boites” exclusivas de policiais militares. Muita bebida, droga, stripers, prostituição, estelionato, enfim. Os jornais mentem muito. Os repórteres sabem a verdade. Mas publicam meias verdades. O outro lado da lua, o lado sem luz, obscuro, o lado da escuridão, eles ignoram. É deste lado que a maioria vive e respira. É a lei! Uma lei definitiva. Um dogma. Todo bandido tem o seu dogma, a sua lei. Inafiançável. Acima de qualquer suspeita. Napoleão, deitado naquele piso imundo, olhando uma barata perdida no canto da sala. Se alguém a visse, seria esmagada. Como ele. E o que ele queria apenas era viver um sonho de amor. A cada dia. Novo interrogatório. Tentaram ser mais condescendentes. Napoleão disse que tinha ido visitar uma cartomante famosa. Eles riram. “Putá que pariu. Ela tira as cartas da boceta?” Levaram-no de volta para a cela fétida, fria, sem janelas. Um pouco de claridade entrava pela pequena grade da porta. A luz refletia um pequeno fecho sobre a parede. Napoleão colocou sua mão. Pode ver sua mão dentro daquele pequeno raio de luz. Olhou onde ele terminava. Na parede do lado direito, um pouco abaixo da cintura. Na parede, rabiscaram com algum objeto pontudo: ilha de elba.

O seu destino começava a fazer parte da sua vida. Sem volta. Estava há vinte e quatro horas trancafiado naquela cela imunda, sem saber o motivo. Fora preso por engano. Ninguém acreditou. “Engano foi a vagabunda quando te pariu”, gozaram. Nada importava a não ser a fortaleza do seu silêncio. A porta se abriu. Entrou o carcereiro com sua voz de palhaço. “O menu, my friend”.

Deixou a bandeja no catre sem colchão. Olhei para ele. Ele se deixou olhar, deu uma volta ao redor de si mesmo, alisou os cabelos. “Tá um bafafá do caralho. Pegaram um fulano que tinha entornado todas fazendo amor com sua filha de doze anos. Imagine. Doze anos. A mãe deu o fraga. Chamou primeiro a polícia. Quando os homens da lei chegaram, ela botou a boca no trombone.

A filha está fazendo os exames de corpo de delito. Dizem que ela já é uma zinha.” Saiu assobiando qualquer barulho. Bebi um pouco de água. Peguei o prato. Cheirei. A comida estava azeda. Deixei de lado. Embora estivesse com uma fome do cão, aquela comida era veneno de rato. O jeito foi me deitar e não pensar em nada. Como poderia sair de lá? Como? Tentou dormir. O sono não chegava. Se conseguia cochilar era despertado pelo barulho dos soldados entrando trazendo um bêbado, um trombadinha, uma prostituta drogada, travestis que brigavam por um ponto e se agrediram com gilete. A única luz que entrava pela pequena janela da porta iluminava o nome do lugar. Ilha de Elba.

Ele já estivera num lugar com aquele nome. Aquela ilha de rochas vulcânicas, servindo de moradia para cabras selvagens, cercada de praias desertas. Uma ilha com uma prisão e uma cela igual a que estava agora. Tinha o mesmo cheiro. Estava com a mesma sensação de perda. Sua alma transitava num holocausto de misérias. Acordou com os gritos dos policiais tentando dominar um homem. Ele parecia louco. Berrava o tempo todo. “Eu matei ele sim. Dei um tiro nas costas e outro no estômago. Me roubou uma garrafa de cerveja. Uma garrafa de cerveja, o desgraçado!” Deve ter levado uma porrada, porque escutei um barulho de algo caindo. Depois o arrastaram para uma cela do outro lado do corredor. Meu vizinho do outro lado. Comecei a chorar. Fui tomado de pânico. Não sabia o que fazer, a quem recorrer. Não tinha sequer uma testemunha a meu favor. Ninguém. Estava ali, preso covardemente. Teve vontade de gritar a plenos pulmões a sua inocência. Mas se conteve. Seria pior.

Depois das lágrimas, sua mente serenou um pouco. Ele pode dormir no catre duro, de ferro. Seu corpo doía. Tomou o resto da água. Urinou num buraco do lado esquerdo da cela. Sua urina misturando-se com a urina e as fezes de outros prisioneiros. Inocentes ou não. Seu único elo. O fedor acre exalando daquele buraco fedorento. Adormeceu assim mesmo. Não tinha outro jeito. Não conseguia encontrar uma saída. Nada. Dormiu algumas horas. De madrugada, até os guardas dormiam. O cansaço é uma máfia poderosa. É o grande senhor. A quem todo ser humano faz reverência. Se entrega. Se rebaixa. Se anula. Se esvazia. Se deixa corromper. Não sabia que horas eram. A madrugada estava alta. Aninhara-se nesta parte do mundo. Dava uma chance para o amanhecer. A luz do sol. O dia nascendo como nasce uma criança. Apolo puxando seus cavalos pelo zênite e sua carroça de fogo espalhava as chamas pelo caminho.

Napoleão divagava. Ouviu uma voz dentro dele. “Napoleão! Napoleão! Que surpresa maravilhosa! Está me ouvindo? Sou eu, Mephisto!” “Mephisto?

Onde você está?” “Aqui, preso no piano, ouvindo o maldito Debussy. Todas as

prisões são iguais, meu caro. Todas”. “O que você quer?” “Uma proposta”.

“Que proposta, Mephisto, que proposta? Fala logo, porra.” “Você precisa me tirar daqui”. “Mas como?” “Eu vou tirá-lo daí. Mas você vai ter que arrumar um jeito de tirar aquele símbolo de cima do piano, a estrela de seis pontas. A estrela de Davi. É ela que me aprisiona. Promete?” “Prometo.” “Lembre-se que tenho uma gota do seu sangue. Nela fizemos nosso pacto de vida e morte”. “Que gota de sangue?” “Deixa prá lá, meu caro Napoleão. Primeiro, fecha bem os olhos. Procure não pensar em nada. Conte de dez a um, repetindo cada número três vezes, visualizando-os numa tela branca. Entendeu?” “Sim, entendi. E daí?” “Daí, você abre os olhos. Alguém irá tirá-lo da ilha de Elba. Prepare-se?” “Mas e os guardas, a segurança?” “Esquece. Deixa por minha conta”. Napoleão cerrou os olhos. Tentou não pensar em nada. Respirou fundo. Aquele fedor impregnou seus pulmões fazendo-o tossir. Teve ânsias de vômito. Encolheu-se mais. Começou a contagem dos números cabalísticos. Os números sagrados. Fez um esforço mental. Era muito difícil concentrar-se. Principalmente num lugar como aquele. Tentou novamente. Até que conseguiu. Ao abrir os olhos, uma luz inundava a cela. Uma figura luminosa, vestida de branco, o chamava. Atravessaram juntos a porta de ferro trancada a sete chaves. Parecia um devaneio. Um sonho como outro sonho. Quando Napoleão acordou no dia seguinte, o dia estava adiantado. Consultou seu relógio. Passava das onze. Levantou-se, fez a barba, tomou um banho, urinou na bacia limpa do seu banheiro. Ele estava livre da prisão preventiva. Estava livre de um crime que não cometera. Ligou o rádio. De novo aquela música que Beethoven dedicara a Napoleão, para a sua coroação. De novo, as palavras de Mephisto martelando-lhe a mente. Depois de tomar uma xícara de café, ficou pensando como tirar o seu amigo da trágica prisão em que vivia. Há quanto tempo? Que sofrimentos o atormentavam? Atordoado por uma mesma música, aquelas notas dissonantes. Um barulho infernal. Uma explosão de megatons no seu corpo etérico. Agora moribundo e doente. Teve pena do amigo. Tentara uma vez entrar na casa da velha pianista. Ela não recebia ninguém. Nem aceitava alunos que não tivessem pianos. Preferia dar aula na casa do infeliz. Teve uma brilhante idéia. Dona Maria! Sim, Dona Maria! Ela falou que precisava de mais um emprego. Ela podia fazer a faxina na casa da velha. Isto é, se a velha maldita aceitasse. Que fosse pelo menos um dia, de graça, para ela fazer uma avaliação do seu serviço. Se gostasse, continuaria vindo uma vez na semana. trato feito. Dona Maria, uma senhora de sessenta anos, tinha fôlego de sete gatos. Fazia faxina em duas casas. Quando voltava do trabalho, ainda se metia em fazer salgados. Vendia-os nos locais onde

estavam construindo. Acabava vendendo tudo, exibindo seus quitutes. Aquelas deliciosas empadinhas valiam por um belo par de seios. Ela sabia disso. Pregoaava com voz doce, melíflua.

Suas empadinhas empilhadas na bandeja coberta com uma toalha branca.

Eram sensuais. Ela as empilhava dando formas. Depois o estribilho: “Quem comer as empadinhas de Dona Maria? “Dava-se a impressão de que cada peão que lambia aqueles quitutes, a devoravam também. Dona Maria era o sexo invisível. O sexo detonador. Causadora de um apetite voraz. Atordoante.

Faziam filas. E ela se oferecendo em cada empada que vendia. Napoleão conversou. “Se a megera não pagar, eu pago. Mas preciso de um favor. Quando limpar o piano, tirar aquela estrela de cima dele. Apertá-la com toda força e sair para a rua. Ir pro outro lado. Só isso. Depois, poderia recolocar o tal objeto no lugar. Tudo muito simples. Camuflado. Sem problemas”. Ficou acertado que ela iria no dia seguinte. Napoleão postou-se ao lado da casa, depois que a pianista arrebentou mais uma vez os tímpanos de Mephisto.

“Mephisto, sou eu”. “”Porra, Napoleão, conseguiu?” “Sim, acho que vai dar certo”. “Prá quando?” “Prá amanhã”. “Merda, não dava prá ser hoje?”

“Não, não dava”. “Quem é a meliante?” “A dona Maria”. “Que dona Maria?”

“A que vende empadinhas nos prédios em construção”. “Ela é de confiança? Pode não aceitar”. “Extremamente confiável”. “Você quer dizer confiscável?” “Também”. Ambos riram. No dia seguinte dona Maria estava com sua melhor roupa e um prato de empadinhas. Foi até à casa da pianista.

Ofereceu-lhe as empadinhas. Disse que precisava de mais uma casa para faxina. Seria apenas por experiência. Se não gostar, nem precisava pagar.

Acertaram na hora. A velha mostrou-lhe a casa. O mobiliário antigo. Os pratos de porcelana inglesa decorando as paredes. Eram paredes inteiras. Ela não poderia entrar no seu quarto. Segundo, não mexer no piano. No que tangia ao piano, nem mesmo tirar o pó, passar um pano, dar brilho com óleo de peroba. Dona Maria assentiu com a cabeça. Não chegaria nem perto do piano. Do quarto, ela podia trancá-lo, em confiança. Era direito dela. Dona Maria deixou o prato de empadinhas na mesa da cozinha, trocou sua roupa por um uniforme azul (que Napoleão lhe presenteara, estava meio apertado, mas colocando um avental, ajudava a disfarçar). A pianista arrumara-se toda. Tinha uma aula de piano. Ficaria fora algum tempo. Ela poderia começar seu trabalho limpando primeiro o banheiro, depois a cozinha, o corredor, o quarto de hóspedes, a sala de visitas, a sala de jantar onde estava o piano. Disse que tinha o hábito de deixar tudo trancado, era uma das suas manias, que ela não reparasse. Dona Maria disse tudo bem. Entrou no banheiro cor de rosa. Os azulejos, as peças sanitárias, o piso, a porta do lado de dentro. As tolhas perfumadas eram de um tom mais escuro. Respondeu o “até logo” da pianista e foi fechar a porta.

Estava só. Esperou uns dez minutos. Abriu todas as janelas da casa. Dirigiu-se ao piano. Era um belo piano de meia-cauda, de ébano. Tinha uma marca escrita com letras douradas, em alemão. Não conseguiu ler. O piano estava trancado. Tocou nele e sentiu uma sensação estranha. Teve um calafrio. Tirou logo a mão da tampa do piano. Um certo mal-estar, algo incomum. Sobre o piano, empilhadas, algumas partituras desgastadas. O busto de um homem com cabelos grandes que ela não soube identificar. Talvez o pai dela, pensou. Soletrou o que estava escrito na base da pequena escultura: bê-ê-tê-agá-oven. No meio do piano, brilhando como se fosse do mais puro ouro, a estrela de seis pontas. Fez uma tentativa para tocá-la. Teve receio, parecia ter ouvido a porta da sala se abrir. Correu até lá. Mephisto acompanha tudo com a respiração suspensa. Tentou energizá-la. Mas suas ondas cerebrais mal saíam da sua cabeça de fantasma. Dona Maria voltou correndo. Fora impressão. Com o coração batendo forte, pegou a estrela, segurou-a com força na mão direita e afundou-a no único bolso do seu uniforme. Em seguida, abriu a porta da rua. Caminhou apressada para o outro lado. Tremia um pouco. Um suor frio molhara as axilas. Logo ali, pensou ela? Foi como um estrondo. Como se uma bomba explodisse tudo. Mas só ela ouviu. Ninguém mais escutara? Estranho! Um berro ensandecido saiu de dentro do piano. Faíscas, fumaça, cheiro de enxofre. Mephisto voou pela janela entreaberta e desapareceu no espaço. Dona Maria, assustada, voltou correndo para a casa, colocou a estrela de volta ao piano, pegou suas empanadas, sua trouxa de roupa e sumiu. Seu coração batia descompassado. Pensou que fosse desmaiar com o cheiro nauseabundo que emanava do piano e da fumaça. E se pegasse fogo na casa? Saiu correndo feito uma louca pela rua acima. A velha pianista voltou mais cedo. Alguma coisa a incomodara durante a aula. Teve lapsos de memória. Foi preciso tomar um copo de água para se refrescar. Quando chegou em casa, sentiu um cheiro esquisito. Chamou pela faxineira. Ninguém respondeu. As janelas estavam abertas! Foi até o piano. Tudo igual como estava quando saíra. Estava ofegante. Mal podia respirar. Sentou-se no sofá, ao lado do piano. Alguma coisa estranha acontecera. Assim, de repente. Foi dando um aperto no coração. Um estranhamento. Uma falta de ar. As mãos trêmulas. A vista turva. Arrastou-se com dificuldade até o piano. Conseguiu abri-lo com a chave escondida debaixo das partituras. Dedilhou algumas notas. Sempre que tinha um problema sério, tentava solucioná-lo tocando horas e horas no piano. Arriscou o “Prélude a l’après-midi d’un faune”, de Debussy. Mas errou as primeiras notas. Seus dedos não mais a obedeciam. Diabolicamente ela perdera a concentração, sua força, o magnetismo, o poder, sua solidão, seu prazer, seu sonho, seus desejos, seu sexo, seu amor, sua arte, sua paixão, sua vontade de viver. A música a abandonara. Fechou o piano, trancou-o, colocou

a chave no bolso da calça. Cerrou todas as janelas e as cortinas pesadas de veludo. Foi até o aparelho de som e colocou um disco de Marlene Dietrich. O disco estava arranhado. Ela ouviu um bom tempo algumas das canções, com os olhos fechados. Voltou duas vezes em “Lili Marlene”. Queria estourar. De ódio, de raiva, de impotência. Mas não conseguira reunir energia para tanto. Arrastou-se até a cozinha, escorando-se nas paredes. Sentou em uma cadeira perto do fogão. Permaneceu um tempo, imóvel e estática. Parecia ouvir algo. A voz do Anjo Azul conseguiu por fim tocá-la, inebriá-la, aliviá-la de todos os medos e receios. Abriu o bico de gás do forno. Aspirou profundamente, várias vezes. Bem devagar. Depois, acendeu um cigarro.

Napoleão nunca mais soube de Mephisto. O putinho tinha ido embora de vez. Depois de anos aprisionado naquele maldito piano de ébano, tinha se mandado. Dona Maria estava sendo procurada pela polícia. Fora a última pessoa com quem a pianista mantivera contato. Havia uma testemunha. A explosão abalou o bairro. Foi notícia nos jornais, nas rádios, nas tevês. Eles adoraram o desastre. A casa ficou em ruínas com a explosão. Da pianista não sobrou nada. Nenhum prato de porcelana inglesa. As pessoas não passavam perto dos escombros. Mudavam de passeio. Uns disseram depois que ela aparecia de noite e tocava no seu maldito piano. Tocava uma música estranha, com poucas notas. Parecia mais um gemido. Eu disse que devia ser a gata no cio. Eles estavam confundindo. Fui atrás da Dona Maria. Cheguei à construção. Era um prédio e estava ainda no início. Andaimes, ferros, tijolos, cimento, areia, cal, tudo amontado. Chamei um pedreiro que empilhava os tijolos. Perguntei se a dona Maria tinha aparecido lá. Fazia dias que não vinha vender suas empadas.

De certo estava doente. As empadas da dona Maria e simulou em si os seios delas. Fartas, as suas empadas! Riu. Perguntou se eu era parente. Disse que não. Que precisava falar com ela. Sobre uma entrega de empadinhas numa padaria. Agradei. O jeito era aguardar. O problema agora era da polícia desvendar todo este mistério. Mephisto pregara a sua peça. Ele me ajudou, eu o ajudei. Estávamos quites. Foi quando eu recebi uma notificação. A casa onde eu morava, isto é, a casa, com o jardim o quintal e o quartinho haviam sido vendidos. Um rapaz veio me ver, trouxe uma carta da construtora pedindo que eu desocupasse o local o mais rápido possível. No dia seguinte, fecharam a frente com andaimes. Colocaram alguns peões trabalhando, isto é, começando os primeiros trabalhos. Destelhando a casa. Ouviam música num rádio no volume mais alto. Falavam o tempo todo de mulheres. Para eles não

existia coisa melhor no mundo. Peitos, bundas, bocetas. Só de pensar ficavam excitados, de pau duro. Se passava uma mulher, eles mexiam, convidavam para uma visitinha. Escutei um deles dizer: “Vou comer ela todinha. Vou enfiar meu cacete naquela bunda gostosa e gozar até falar chega”. Dava gargalhada. Sentia-se um verdadeiro animal. Sua razão de ser. Os boleros aumentavam seus desejos. Um outro, vestindo uma bermuda surrada, masturbou-se lá mesmo, no telhado. “Estou esporrando no mundo. Neste mundo de bosta”. Sentiam-se felizes assim. Ao me mudar com minha tralha, eles riram. “Quer vender alguma coisa, tio? Pago no mês que vem!” “Caralho”, respondi. “To vendendo meu caralho, para enfiá-lo no seu cu”. Apontei-lhe o dedo indicador e fui embora. Antes de bater o portão, de me despedir das minhas flores, de relembrar meus momentos de paz e tranquilidade, ousei gritar em voz alta: “Bando de merda. Raça ruim. Vão se foder”. O carro me esperava na esquina. Todos os meus pertences couberam numa kombi. Tive sorte. Não precisava mais voltar. Nem queria.

Napoleão alugara um pequeno quarto, na favela. Tinha banheiro e a sala. Demorou um dia para limpar tudo. Guardou suas coisas de qualquer jeito. Havia comprado cadeados. Teria que colocar cadeado na porta e na única janela. Pura precaução. Notou que vizinhos o observavam. Cumprimentou-os de longe. Primeiro, porque não queria problema com ninguém. Segundo, era melhor fazer uma política de boa vizinhança. Tomou um banho e saiu. Um bando de meninos seminus jogavam bola. Um deles pediu-lhe dinheiro. Napoleão teria que lidar com uma série de leis novas. Aquelas crianças podiam ser uma gangue. Todo cuidado era pouco. Acabara sua paz. A miséria rondava sua porta. Depois da favela, para onde ir? Viu uns bares funcionando. Vendiam bebida. Só bebida. Algumas mulheres rondavam os bares. Fumavam, vestiam roupas apertadas, mostrando os seios, as pernas de fora, as bermudas entrando na bunda. Ofereciam-se desde cedo. Ele imaginou o que não seria aquilo tudo depois das oito da noite.

A noite foi a pior de toda a sua vida. Gritos, risadas, palavrões, barulhos, pedradas, cheiro de maconha, troca de tiros. Fiquei sabendo que o traficante que controla a venda de drogas da favela ao lado quer o comando da favela onde vim morar. A polícia foi chamada. Algumas pessoas foram embora depois de uma violenta chacina. A maioria jovens. Adolescentes. Primeiro, ficam viciados. Recebem a droga de graça. Depois de viciados, recebem uma arma. Então matam. Sem nenhum pudor. Sem remorsos. Sem ficar com a consciência morta. Eles já estão mortos. Nasceram fodidos. Não estudam, nem

se prestam para qualquer atividade intelectual. Nunca leram um livro. Não conhecem o prazer desta magia. São como chacais lançando-se uns contra os outros, famintos. Têm ódio aos bacanas. Roubam por diversão. Atiram por prazer. Ou se misturam à torcidas nos estádios e aprontam todas. Quebram tudo o que encontram pela frente. Por onde passam, deixam um rastro de medo, raiva. Sujam as fachadas das casas, os monumentos, com suas pichações. São vândalos. Um velho médico, amigo meu, que era espírita, dizia que esta geração era reencarnação de soldados romanos. Eu acho que são dos hunos!

Foi por isso que aluguel estava barato. Pela manhã, mais famílias levaram suas coisas. Não sei para onde vão. Para qualquer lugar onde haja paz. Por isso que a maioria procura apoio nas novas religiões. Mas com os putos safados dos pastores que só querem formar uma corrente monetária, eles acabam caindo no conto do vigário. Estão num beco sem saída. Não há trabalho. Não estudaram. Foram excluídos pela maneira de ser, pela música, pelo DNA. Jamais serão aceitos. Há um preconceito escondido no olhar de cada um que passa. São uma barreira apodrecendo tudo por onde passam. Por onde vão, deixam a marca da destruição. Este é o destino deles. A terra destruída. Para mim, o silêncio é importante. Cada vez mais estou sendo envolvido pelo barulho maquiavélico. As pessoas me incomodam pelo barulho que fazem. Mal sabem que suas palavras, doces palavras, são expressão de uma música! Apreciam apenas uma música barulhenta, a toque de tambor, que aos poucos massacra seu corpo vital. Aí você fica doente, ou enlouquece. O silêncio é minha segunda pele. A solidão, o meu verdadeiro corpo. Não farei outra troca de pele. Já não me atraem mais. Muito cedo eu aprendi a me tornar só. A encarar a vida como uma grande experiência. Estou no meio de um fogo cruzado. De uma guerra santa. De uma guerra fratricida. Sem vencedores. Ouço na Rádio Cultura FM, um trecho das Walkírias, de Wagner. Fico a imaginar estes meus vizinhos ouvindo uma música dessa. Talvez pirassem de desespero e angústia. Esta música que embeleza a alma, atormenta-os. A ignorância é satanicamente cega e surda. Todos trazem uma marca diferente. Uma venda negra nos olhos internos, da alma. Aprendi a ter compaixão por eles. São meus vizinhos. Respiramos a mesma atmosfera poluída e sem nenhuma beleza. Sem perspectiva. Tangencial. Estamos jogando fora nossas vidas. Nossas esperanças. Encontramos alívio no sofrimento. Ele vai corroendo, corroendo, até que um dia a corda arrebenta definitivamente. E a esperança é apenas uma bandeira agitada por um menino que sonha ser um jogador de futebol rico. Uma bandeira pintada de verde e amarelo. Ouro das Minas Gerais. Ouro envernizando colunas, altares barrocos, frisos, jóias. Verde de matas desmatadas. Não vi nenhuma árvore desde que cheguei. Vou

colocar um plano que tenho em mente. Vou procurar algumas crianças e vou plantar uma mudas de árvore. Posso falar da importância da ecologia. Do futuro. Fico a imaginar como eles imaginam o futuro. Um pedaço de pão, uma peça de roupa, um lugar para morar. Com todo o cinismo em que estão envolvidos. Eu conhecia um viveiro perto do local onde morei. Fui até lá. Conhecia o dono. Falei com ele. Achou a idéia ótima. Prometeu me ajudar. Ganhei umas mudas de hibiscos vermelhos. Plantei uma muda em frente à minha porta. Perguntei para uma vizinha do lado se queria. Ela aprovou com um sorriso meio lascivo. Até me ajudou a jogar água. Ajuntaram umas crianças. Fui para outra casa. Fiz uma cova. Ofereci para uma menina plantar a muda. Ela ficou indecisa. Aguardou a aprovação da mãe, novamente grávida e com uma criança ainda de colo. A menina estava maltrapilha. Coçava a cabeça cheia de piolhos. O cabelo loiro, sujo de terra, embaraçado. Água, só a da chuva ou a das enchentes. Piscinas naturais e barrentas. Plantamos tudo. Jogamos água. Falei para uma roda de crianças que riam do que eu falava. Da importância de se ter uma árvore. Que precisamos delas para nossa sobrevivência. Elas não conseguiam entender porque. Sempre viveram sem nenhuma árvore por perto. E estavam vivas. Falei com duas mulheres e um outro rapaz que veio mais para me inspecionar. Talvez olheiro de traficante. O olhar frio. Duro. Faiscava. Faríamos num terreno baldio, ao lado dos trilhos do trem, uma horta comunitária. Não era a opção deles. Pelo menos, naquele primeiro momento. Voltei para casa, tomei um banho, lembrando daquelas crianças sujas e maltrapilhas. Doentes. Famintas. De tudo. De tudo o que viam na televisão. No dia seguinte, todas as mudas plantadas estavam quebradas. Pensei comigo. Será que os anjos da guarda também foram embora daqui?

Ninguém falou nada. A morte das plantas não significou nada prá ninguém. Nem o plantio. Nem a felicidade de ver uma flor se abrindo. Podíamos ter árvores frutíferas. Dariam sombra, frutos nas estações. A vida seria mais alegre. Menos desertada. Mas eu estava morando na terra de ninguém. Teria de cumprir a risca minha via crucis. Sem reclamar. Sem olhar para trás. Com o tempo fui me acostumando ao barulho humano. Pouco me importava se estavam alegres, brincando com os ratos no meio do esgoto a céu aberto, arriscando a saúde num lixão, se alguém chorava de dor de dente. Toda semana uma daquelas infelizes crianças morria de uma grave doença. Seus

pais, semi-analfabetos, pouco ligavam para os filhos. Aprendiam a viver fora de casa.

Dentro, impossível. Pela falta de espaço, de higiene, de comida. O pai bêbado batia neles, na mulher. Porque, ele queria só foder. Mais nada. Foder, encher a cuca de cachaça, foder, foder. Fazer filhos, porra. Mostrar que era macho. A mulher existia para este fim. Para ser fodida. Este é o lema. São todos veteranos derrotados de uma guerra perdida. Há muito tempo. A guerra paralela. Uma guerra fria lá dentro. A guerra que ninguém vê.

Chuviscara um pouco. O tempo mudou de repente. Napoleão deve ter levado um golpe de ar. Acabou pegando uma gripe. Um pouco de dor de cabeça, alguns espirros, depois calafrios. Com os músculos doendo, permaneceu mais tempo deitado. A dor de cabeça aumentou. Resolveu ir ao pronto-socorro. Antes que complicasse. O tempo frio. Vestiu um agasalho. Esperou o ônibus. O pronto-socorro ficava perto. Quatro pontos depois, desceu. Fez a ficha na recepção. A fila de espera era enorme. Uma mulher com uma criança no colo, tentando acalmá-la. A criança chorava bastante. Uma velha dormia encostada no banco. Sem dentes, com a boca aberta. Sem coragem. Perto do fim. As outras pessoas eram mais jovens. A maioria mulheres. Gordas, com o cabelo amarrado na nuca, tranças. Crentes, na maioria. Ninguém cedeu a vez para a mulher que continuava com a criança em gritos. Até que uma enfermeira veio ver o motivo da daquela gritaria toda. Levou a mulher para uma sala. Ela estava cansada. A criança devia pesar uns cinco quilos. A velha acordou assustada. Tinha os cabelos lisos, sem viço, cinzentos e embaçados. Da cor da pele, crispada de vincos. Os braços finos pendiam sobre o colo. Os pés calçavam um par de sandálias surradas. O tempo demorava a passar. As pessoas ficam inquietas, aguardando sua vez. Ir ao médico tem sua importância. Torna-se um ato social. Conversam sobre mil coisas. Assuntos de igreja. De uma vizinha que perdeu o marido num assalto. Receitas de bolo, a mais simples. Ninguém tem dinheiro para as receitas complicadas dos programas das tevês. Uma delas fez uma receita e o bolo desandou. Tudo mentira. Tudo invenção daquele povo. Lorota mesmo. Receita errada, acabou no prejuízo. Uma sabia de um novo recheio de pastel. Vendia tudo. Depois ela passava para a colega. Vendia na feira. Só com o pastel da feira seu marido já tinha comprado uma kombi. Nova? Não, mas usada. Também tinha uma filha que vendia roupa usada. Novinha. Também roupa importada, de grife. Depois de muito tempo chegara a sua vez. Napoleão foi chamado. Entrou. A médica

pediu que sentasse. Era uma sala pequena, com uma maca, onde todo mundo deitava. Não havia forração. Ela preencheu sua ficha, perguntou a idade, se tinha tido doenças graves, sim, ele operara da garganta e do apêndice. Peso. Mediu a pressão. Colocou sobre as axilas um termômetro frio. A temperatura estava alta, quase 38. Um pouco de febre. Teve vômitos? Não. Tontura? Um pouco. Mandou que tomasse um chá caseiro com um comprimido de Melhoral. Seria o suficiente para baixar a febre. Uma epidemia de gripe estava atacando principalmente as pessoas idosas. Não havia mais vacina no posto. Quando chegasse o novo estoque, providenciaria uma campanha no bairro para que a população se prevenisse. Se piorasse, deveria voltar ao posto. Mande entrar o próximo. Napoleão saiu da sala. A velha dormia novamente. A claridade da rua o incomodou. Algumas nuvens negras acumulando do lado do centro. Sinal de chuva a qualquer hora. Precisava comprar o remédio. Lembrou que tinha comprimidos guardados numa pequena caixa. Não podia tomar chuva. O mormaço o incomodava. Aumentava o calor e a temperatura do corpo. Caminhou até o ponto do ônibus. Não tinha forças para dar uma caminhada. O ônibus chegou. Subiu. Pagou a passagem. Sentou na frente, perto do motorista. Olhou para a rua. Novamente as nuvens negras, chegando como monstros pesados, referencias veladas. Chegou no seu ponto. Apertou a campainha. Estava zonzinho. O estômago embrulhado. Desceu do ônibus, encostou-se na parede e vomitou, sentindo-se melhor. Foi para casa o mais rápido que pode. Chegou em casa, o mesmo barulho infernal de sempre. Aquilo doía, martelava na cabeça. Achou o comprimido. Tomou um. Deitou-se, cobrindo-se com duas mantas pesadas. O corpo tremia de frio. Demorou para dormir. Teve um sono sobressaltado. Estava num lugar diferente, parecido com a sua antiga casa. Tudo vazio e abandonado. Surge uma mulher na sua frente. Dos seus olhos e mãos emanava

uma luz. Usava óculos escuros para disfarçar aquele jorro luminoso. Ela o impedia com gestos de seguir adiante. Ou naquela direção que ele estava determinado. Impedia-o. Acordou molhado de suor. Tinha a nítida certeza de que era uma aparição. Alguém que ele conhecia mas não se lembrava. Alguém que já se fora e que tentava lhe revelar um segredo. Fazer uma previsão. Levantou-se para trocar de roupa. O suor frio o incomodava. O lençol estava molhado. Acho que dormira uns duas horas. Tomou um copo de água com outro comprimido. Lavou o rosto na pia. Trocou o lençol de qualquer jeito. Jogou-se novamente na cama. Precisava dormir. Lá fora, um rádio ligado no maior volume tocava as dez músicas mais solicitadas. Sempre com uma mensagem idiota da ouvinte infeliz que conseguia entrar em sintonia com o telefone da emissora. Um estrondo. Trovões e raios. As nuvens desabaram. Graças a Deus começou a chover. Ele ligou na rádio Cultura FM. A próxima

música anunciada milagrosamente: “Abertura Euryanthe”, de Carl Maria von Weber. Melodias populares autênticas com elementos de magia e feitiçaria. Era tudo o que precisava naquele instante. A obra baseava-se numa lenda medieval. A história do nobre cavaleiro, príncipe Gérard, conde de Nevers, e da casta princesa Euriant de Savoy. Uma amável melodia nos violoncelos. O tema principal nos violinos. O “largo” que intervém, escrito para oito violinos em surdina, é extraído da cena do fantasma, típica incursão do primeiro romantismo no sobrenatural. O locutor historiava com um tom de voz baritonado, de um timbre agradável. A música soou bela. Como um bálsamo para a alma.

Hoje, sexta-feira é dia de sessão espírita na favela. Duas ruelas depois do meu quarto tem um templo de umbanda. A maioria dos que residem aqui participam das sessões. Pela curiosidade, pelo teatro, medo, promessas de que se seguirem “o santo” a vida vai melhorar. Há uma série de razões que levam as pessoas a esses locais. Até mesmo a busca de um amor impossível ou o desejo da morte de um suposto inimigo. Tudo é válido. Mudam de religião como quem muda de pele. São serpentes. Agem por impulso. Reagem a qualquer investida emocional com um descontrole oferecido pelas religiões. É muito fácil ser um pai de santo, depois, com o tempo, converter-se num pastor. Depois, renunciam a tudo. Tornam-se católicos fervorosos. Deixam de amar o diabo. A invenção da Igreja na Idade Média ainda funciona como ponto nas camadas mais humildes. Eu diria, nas mentes. Com o tempo e um pouco de estudo e de técnica, podem até se tornar um instrutor de uma escola esotérica. Eu conheço um. Charmoso, elegante, inteligente, foi o escolhido pelo antigo mestre. Neste meio de tempo, comeu todas as mulheres incautas que atravessaram seu caminho. Estava em busca do amor eterno, o mais espiritual do universo. Só que este amor não conseguia sobreviver a duas camas. Renovava-se sempre. Era só aparecer uma carinha bonita, enfeitada por suas palavras, a serpente mudava de pele. E dava o seu bote. Uma serpente peniana em direção à uma vagina desprotegida. Injetava-se nela o veneno letal. Depois, publica em boletins, mensagens dogmatizadas. Aqueles que atravessarem seu caminho estarão perdidos. São afastados de uma maneira sórdida. Insana. Às vezes, com requintes de crueldade, porque é “um sacrilégio arrastar pela lama “O Nome”. Creio que tudo isso faz parte de uma experiência. Coisas do caminho. Do caminho estreito. Os atabaques ressoam numa batida hipnótica. As danças circulares, o cheiro forte de incenso misturado a ervas, o poder de Baco invadindo as correntes sangüíneas,

propiciam as etapas do ritual africano. Sinérgica mistura de intenções, santos e entidades. Os cânticos seduzem os mais impressionáveis. Remexo em minhas coisas. Encontro uma oração escrita com a letra de minha mãe. Dizia ela que era uma oração contra o demônio. Rezada pelos antigos. No caso, sua avó. Minha tataravó, a Baronesa de Cabo Verde. Leio aquelas palavras. Vejo na mente minha mãe. Sentada à beira de sua cama, ao lado do seu pequeno altar com imagens de santos de sua devoção: Santa Terezinha, São José, Santo Antonio, São Benedito, a face de Cristo estampada num momento de agonia, o Santo Sudário, uma vela constantemente acesa. Um missal com orações espalhadas entre suas páginas assinaladas com símbolos. Uma fé mística. Impartível. Fortalecida pelos sofrimentos. Pelas traições constantes do marido infiel. Sua renúncia a todos os valores pendentes da sociedade. Sua vida esteve marcada por muitos sinais. Sonhos e visões. A religião foi um marco conquistado em troca de frustração e ostracismo. Viajante do mundo das emoções doentias. Sua pele. Seus versículos. Esta é a oração:

“ São Longuinho teve três feiticeiros.

Um diabo cego.

Um diabo carregador.

Um diabo distribuidor.

Tire isto de mim e leve a quem me mandou.

Leite de Nossa Senhora a comer.

Sangue de Jesus Cristo a beber.

Assim como estas palavras são verdadeiras,
feiticeiro comigo nada pode fazer. Amém.

Fazer o sinal da cruz e rezar o Credo com
os braços cruzados.”

Nestes momentos de MacDonald's estamos vivendo uma época de naufrágios humanos. É um diagnóstico implacável para quem mora num favela dominada por traficantes que não querem saber sobre as digressões da alma. O que importa é o comando do tráfico, com toda a sujeira e crueldade como pano de fundo para que tudo funcione. Como num esquema de guerrilha. A briga maior é com os policiais. A maioria sobrevive com um salário de fome. A tática é seduzir o infeliz, bandeá-lo para o outro lado. A favela vive um momento de profunda insegurança. A polícia invadiu o local, barrou as entradas principais. Todo cidadão suspeito é revistado. O terror continua. A

briga de quadrilhas pelo poder está arruinando muita gente graúda. O verdadeiro crime não está na superfície, com os distribuidores da droga. Eles são os vassallos do mal. Obedecem cegamente. O diálogo é interrompido pelo contrastante som das balas de uma metralhadora. Um símbolo estético e político. Com o seu encantamento inegável. Há uma resistência assustada. Estou no meio dela. Com todas as suas consequências. Esta madrugada foi trágica. Doze pessoas baleadas em duas chacinas ocorridas nos corredores que separam os casebres. É um verdadeiro labirinto propício para os sórdidos fins. Seis pessoas morreram. A maioria jovens. Em débito constante com os criminosos. Ou uma simples queima de arquivo. Banalizaram a vida da mesma maneira como banalizaram a morte de animais nos matadouros. Com medo da morte. Em pânico. Aterrorizados. Sem defesa. Comentava-se que cinco homens entraram armados de revólver, pistola e uma metralhadora. Efetuaram vários tiros contra pessoas que estava no pequeno bar. Depois arrombaram uma porta, entraram atirando no quarto. A polícia acredita que o alvo da quadrilha seria um homem chamado Barbosa, mais conhecido como Killer. Um serial. Com passagem pela polícia por mais de cinco homicídios. Uma testemunha, que não quis se identificar, contou que ouviu mais de uma rajada de metralhadora e muitos tiros. O grupo percebeu a presença do morador e tentou invadir sua casa. Ameaçou matar a família. Mas desistiu. A maioria das vítimas não portava documentos. Dificultando muito a identificação dos corpos. A favela amanheceu em polvorosa. Policiais por toda parte. Uma lembrança triste. A necessidade de mudanças radicais na ordem política e social de um país. Ainda longe. A miséria gera riquezas. Não será agora que veremos instituir uma sociedade mais humana. Estamos todos desintegrados. A recusa para chegar ao âmago de si mesmo e a partir daí, tentar uma nova ótica. Os óculos estão com suas lentes arranhadas e embaçadas. Impedem de avançar em outras direções. Do vitrô entreaberto, vejo uma mulher carregando seus pertences. Uma sacola de plástico com algumas peças de roupas. Puxa pela mão uma menina com pouco mais de três anos. Ela olha estarecida para trás. Afastam-se por aquela rua que representa a própria estrada da vida. Repleto de dilemas. Como num filme.

Na rádio Cultura FM toca Beethoven. Um trecho da Nona Sinfonia. O movimento é o “allegro ma non troppo, un poco maestoso”. Ela celebra a fraternidade universal. Um resumo da mensagem espiritual e humana do célebre compositor. Em dado momento o barítono lança o seu apelo: “Freunde, nicht diese Tone.”(Amigos, não mais esses sons).

Na favela, a morte está sempre presente. Passa como um bólido. Ou um hálito envenenado. É um fato e uma rotina. Ninguém discorda. Nem param para pensar. É a morte quem delimita os limites do cotidiano. Onde a vida é o absurdo. O dia amanhece com uma aurora colorida, prenunciando sol e calor. Um vento cálido adianta-se ao surgimento da luz. Fico a me perguntar quem sou eu e o que faço neste lugar. Sou um estranho no ninho. Um ninho que não é meu. Não me pertence. É alheio. Sou ignorado pela maioria das pessoas até o presente momento. O que poderia ser um fato desagradável. Mas não é. Se as olho e as cumprimento, mal correspondem. Isolaram-me com o simples olhar. Sou diferente na maneira de ser. Leio muito, ouço música clássica, não frequento os bares deles. Não frequento as prostitutas. Não uso drogas. Introduzi-me no alheamento deles. Um fato inexplicável. Decorre da separação quase natural que é o comum da condição humana. É um fato. É real. Embora inoportuno. Indecifrável. Incômodo. Há uma separação, quase um abismo. Há uma quebra de união entre o homem que sou e a minha vida. Há um separador. Há um apelo humano também. E um silêncio irracional do mundo. Estou cercado. Feito um prisioneiro de densidades diferentes. As diversas faces que vejo quando abro minha porta são faces do absurdo. Apreensivas. Tristes. Não sei como compreendê-las. Já que também não conseguem me compreender. Pouco importa. Ou tanto faz. A vida é um descontínuo ir e vir. Um desconforto razoável. O mundo confunde-me. Não me misturo desordenadamente com o mundo. Este universo tão contraditório não me cobra nada. Nem me veste. Tem uma certa lisura revoltante nesta maneira de ser. Sempre conspirei pela honestidade e pela justiça. Lugares comuns. Com mensagens ultrapassadas. Se possível, eu queria me tornar humano. Se possível. De resto, sei que fui mordido pela serpente. Todos foram. Todos trazem uma venda negra nos olhos do espírito. É o patético do que estamos impregnados. Referências veladas cegando nossas almas. Com a mesma luz do sol quando tento me fixar nela. Esta é a luz do meu teatro. Certa vez eu li uma frase do Arthur Miller: “A primeira função do teatro é olharmos para nós mesmos e cicatrizaros”.

A cada dia que passa, a cada manhã, exerço meu último ato oficial. Viver para mim tem vários significados. Além da experiência cotidiana, da rotina a que nos submetemos, existe uma outra coisa. Quando aprendemos que a vida é uma possibilidade. Você já viu os olhos de um morto? É como uma maldição.

Eu quis ver dentro desta escuridão. Quis entender. Preciso sair daqui um dia. Sair daqui é o mesmo que não houvesse amanhã. Eu jamais aceitei as regras do jogo. As experiências caracterizam a vida do homem e o seu absurdo. A experiência do cotidiano é uma experiência de morte. Alguns momentos sacrificados à vivência como um limite. É assim que a morte se apresenta. A morte sempre nos toca a consciência. Todos os meus dias desmoronaram-se/ Se pelo menos Mephisto estivesse por perto. Poderia me ajudar, sei lá. Mephisto foi apenas uma invenção da minha mente. Nada mais do que isto. Um sonho que acabou. Um sonho com pesadelo. Tenho uma sensação de perda. É o que consigo sentir. Compreensão. Só isto não basta. Não significa resignação. Conformismo. A privação da esperança e do futuro é minha segunda pele. Meu teto. Minha manta de frio. Espero ter a possibilidade de me revoltar. Por qualquer coisa. Um fato de nada. De merda. Mas como revoltar contra a realidade da morte? Quando viver é uma completa ilusão? Meu pequeno quarto é minha antecâmara da morte. Neste mundo de imagens brutas e banais, qualquer história torna-se original e angustiante. Procuro transmitir com minha voz toda a dor que me cerca. Minha cerca viva. Arames eletrificados. Ao tocá-la, respira-se a violência. Este é um dos segredos. Não tenho mais discursos porque estão fora de moda. Os políticos nos palanques são predadores das almas. Todas as ideologias são páginas rasuradas. Foram arquivadas. Trago um punhado de pulsão destrutiva do desejo. Minha marca registrada. Sou o último representante da agonia dos sonhadores. Há um personagem que vagueia nestas ruelas. Já nem sei quem ele é. Procuro chamá-lo. Mas não obedece ao nome que lhe dei. Um nome convulsivo. Um nome que não é nome.

Bateram à minha porta. Depois de meses morando na favela, é a primeira vez que me procuram. Eram três moças. Jovens, morenas, mestiças. Perguntaram se eu era professor. Respondi que sim. Mas que não dava mais aulas. Vieram convidar-me para dar uma aula sobre Napoleão Bonaparte. A escola de samba da favela iria sair no carnaval. Pela primeira vez iriam desfilar no terceiro grupo. Todos estavam trabalhando muito. Pediam minha colaboração. Se fosse o caso, poderiam pagar. Seria uma quantia pequena. Não queriam nada de favor. Respondi que sim. Teria primeiro que fazer uma pesquisa histórica. Seria para daqui a dois dias, na quadra da escola. Mais precisamente, debaixo do viaduto. Depois das dez horas, quando o trânsito era interrompido. Prometi que estaria lá. Disseram que uma pessoa me acompanharia. Ordens do

presidente da escola. Perguntei-lhes os nomes. Com um sorriso sedutor, repetiram seus nomes: Marta, Maria e Ifigênia. Lindos nomes, respondi. E o do senhor? Napoleão. Napoleão? perguntaram em coro, espantadas com a coincidência. Sim, Napoleão. Agradeceram e foram embora, olhando para trás e rindo com a mão cobrindo a boca. Disfarçando. Tal como fazem a maioria das adolescentes que riem por nada. Fui pesquisar nos meus livros. Não poderia ser nada muito profundo. Mas também não poderia fugir aos fatos. Afinal, o samba enredo homenageava uma ilustre figura da história mundial. Um conquistador. Talvez meu nome tenha sido inspirado por este dado. Nunca pensara nisso. Achava que me deram o nome casualmente, porque meu avô se chamava Napoleão e nascera na Córsega. Nada mais justo que lhe prestassem homenagens. Com o suspeito desejo de que o recém-nascido se tornasse um igual. Na hora marcada um jovem de uns dezessete anos acompanhou-me até à quadra. Apenas mencionou o objetivo. Segui seus passos. Ele estava sério, desconfiado. Notei que estava tenso. Depois descobri que usava uma arma debaixo da camiseta. Devia ser alguém ligado ao chefe. Procurei me manter calmo. Meu coração bateu mais forte. Na quadra, uma pequena multidão aguardava minha chegada. Uma pequena mesa coberta com uma toalha bordada com as cores da escola: azul e branco. Um homem de uns trinta e poucos anos veio me receber. Cumprimentou-me. Indicou a cadeira no centro da mesa. Pediu silêncio para a platéia. Alguns trouxeram cadeiras de suas casas. Outros sentaram-se no chão. Havia cerveja para todo mundo. Um cheiro de maconha invadia a quadra, vez ou outra, quando o vento invadia o espaço. Tudo normal, pensei. Olhei em volta. Estávamos bem debaixo do viaduto. Um tapume cercava a quadra. Uma luz baça iluminava a platéia. O presidente da quadra agradeceu a minha presença. Disse que a escola teria o privilégio de sair pela primeira vez na avenida. O primeiro desfile. Seria uma das últimas escolas e pediria a colaboração de todos para que tivessem sucesso. E êxito. Boas notas dos jurados. Seria importante que prestassem atenção às palavras do professor que gentilmente prestava seus serviços. Pediu uma salva de palmas. Sei que as palmas atraem os deuses. Era um bom começo. Agradei. Cumprimentei a todos os presentes. Na primeira fila, sentadas no chão, Ifigênia, Marta e Maria. Comecei dizendo que me sentia muito honrado com o convite. E esperava que minhas palavras pudessem ajudar no trabalho da escola. Um trabalho importante, no qual toda a comunidade participava. Aproveitei para dar uma engraxada no ego dos presentes. Outra salva de palmas, desta vez comandada pelas três amigas. Que riam, como de praxe e de hábito. Tossi, limpando a garganta. Fiz sinal para que silenciassem, o que queria dizer também que agradecia a homenagem. Pelo menos, estava assegurada a possibilidade de falar. De contar uma

história. Tentei ser o velho contador de histórias quando dava minhas aulas. Ou quando pedia para que um aluno lesse uma página, mesmo com dificuldades em pronunciar corretamente as palavras. Não obedecendo à lógica aristotélica da inteligência. Que nem sempre dá conta da experiência humana mais complexa. Pedi a orientação dos dakinis, meus anjos da guarda. Reparei que um homem diferente entrara na sala improvisada. Parecia invisível, escondido na penumbra. Ninguém notara sua presença. Limpei a garganta. Escrevera alguma coisa. Deixei as folhas sobre a mesa enfeitada. Peguei o microfone. Um som forte ressoou. Estava com microfonia. As três amigas caíram na gargalhada. Olheia-as fixamente. Eu precisava da atenção delas. Elas sentiram meu olhar. Por fim, permaneceram em silêncio. Ousei olhar para o estranho homem. Ele me olhava internamente. Era assim que o percebia. “Napoleão Bonaparte nasceu no ano de 1769, na ilha de Córsega, situada entre a França e a Itália. Dominou o cenário político do mundo. Depois da Revolução Francesa. Frequentou a Academia Militar de Brienne. Aos 16 anos, destaca-se na Artilharia. Quando aderiu à Revolução Francesa, passou a ser um dos principais estrategistas do sistema de guerra em massa.(Neste momento, o presidente da escola começou a tossir, nervoso). Aos 24 anos, tornou-se o mais jovem general do Exército francês, que comandou na campanha da Itália contra os austríacos. Depois, na campanha do Egito, contra os ingleses. Dez anos depois, liderou o golpe de Estado que culminou numa ditadura disfarçada. Valendo-se de sua boa sorte, convocou um plebiscito e ele mesmo coroou-se imperador com o nome de Napoleão Primeiro. A partir daí, cuidou de ampliar o exército francês, invadindo o restante da Europa. Submeteu a Áustria, Holanda, Suíça, Itália e Bélgica ao seu império. Em 1808, seus exércitos invadiram a Espanha, desestabilizando as possessões espanholas. Neste mesmo ano, Portugal foi invadido, provocando a fuga da família imperial para o Brasil. Sua boa estrela começou a se apagar em 1814, quando foi derrotado pelos russos. Os soldados não conseguiram vencer o frio de menos de 40 graus das estepes russas. Morriam congelados. Com perdas de grandes vidas humanas, foi obrigado a abdicar do trono. Exilou-se na ilha de Elba. Um ano depois, fugiu. Chegou à França. Marcha sobre Paris. Instalado na capital, promulgou uma nova Constituição. Recomeça a combater os aliados. O resultado foi a campanha da Bélgica, que terminou com a derrota da famosa batalha de Waterloo, em 1815. Foi obrigado a exilar-se na ilha de Santa Helena. Isolado do mundo, viveu só, até o dia de sua morte”. Respirei fundo. Todos estavam em silêncio. O presidente da Escola, identificando-se em parte com o Conquistador, iniciou as palmas. Aplaudiram freneticamente. Ifigênia ergueu o braço direito. Queria fazer uma pergunta. As amigas cochicharam qualquer coisa. Com uma voz débil, entre medrosa e cínica,

perguntou sobre as mulheres de Napoleão. Ela seria a Desirée. Foi aplaudida, principalmente porque faria a amante. Pedi silêncio novamente. Agradei a Ifigênia pela pergunta. Refleti um pouco. Então recomecei. “ A família de Napoleão era de origem toscana, do norte da Itália. Estabeleceram por razões comerciais, na ilha de Córsega. Seus pais tiveram 13 filhos. (Houve um burburinho entre os ouvintes). Apenas 8 sobreviveram. Josephine foi a esposa de Napoleão, tornando-se imperatriz. Mas, Desirée foi sua amante”. Novamente, percebendo que eu terminara, aplaudiram entusiasmados. Achei que era o suficiente para uma noite. Poderia falar mais sobre Desirée, de sua origem, sua entrada para a corte, a dama de companhia e outras histórias folhetinescas, bem ao nível das novelas que assistiam na televisão. O presidente deu a sessão finalizada. Convidou-me para uma cerveja. Aproveitei para tomar uma cerveja em lata. Era uma Skol e estava bem gelada. Procurei pelo estranho visitante. Ele não estava mais. As três amigas, inseparáveis, formaram uma roda. Todos com cigarros e bebidas. Deveria varar a noite bebendo. Afinal, seria uma festa. Alguns membros da bateria arriscaram um som. A alegria invadiu a quadra. Umhas meninas que não podiam tomar cerveja, arriscaram uns passos de dança e chamavam a atenção para seus movimentos pélvicos. Conseguiram chegar perto do presidente que as olhava lascivamente com um sorriso lânguido. Excitado pelo som, pelas várias cervejas que bebera, arriscou um ousado convite. A Escola sairia com alguns carros alegóricos. Coisa simples, não tinham muita verba. O último carro seria Napoleão exilado na ilha de Santa Helena. Por um acaso – fez uma reverência como se estivesse diante do Imperador – eu não queria participar? Como participar? Fazendo o personagem exilado! Levei um susto. Eu? Sim, porque não? Ainda mais, tendo o mesmo nome. Eu não tenho físico de Napoleão. Pouco importa. Uma maquiagem, um figurino adequando, sempre se dá um jeito. Sem esperar pela minha resposta, chamou uma senhora vestida com uma roupa extravagante. Uma blusa com um decote provocante mostrando seus seios fartos. A blusa era azul. Vestia uma calça branca. Veio até o presidente como se fosse uma dama da ala das baianas. Fui apresentado a ela. Ela cuidava do figurino de toda a escola. Amanhã ela apareceria na minha casa, num horário a combinar e tomaria as medidas. Seria um figurino singular. Tudo estudado. Um artista renomado em escolas de samba resolvera ajudar. Desenhara tudo, de graça. Dona Dolores, assim ela se chamava, já estava meio alta pela cerveja. Ria muito. O som contagiante dos batuques deixava a maioria mais solta, mais leve, embalados pelo ritmo. Disse que sim, é claro. Não havia como recusar tal convite. Pedi desculpas. Precisava me retirar. Mas tão cedo? Amanhã eu tinha um compromisso inadiável. Ele ofereceu seu carro. Tentava ser gentil. Afinal, com todas aquelas mulheres ali, era uma

chance de sair com uma das pequenas. Bastava ele fazer um sinal. Todas estavam ali, para servi-lo. Recusei suas intenções, o carro. Combinei com Dona Dolores no horário da tarde. Ela prometeu estar no horário. Deu-me dois beijinhos, esfregando-me seus seios. Saí. O rapaz que estava sem beber, apareceu não sei de onde. Acompanhou-me até meu quarto. Agradei, desejei-lhe boa-noite. Ele continuava frio, de pedra. Entrei, acendi a luz e me joguei na cama. esta extenuado. Na minha mente, as imagens de todos eles brincavam. Seres humanos, ora alegres, ora normais, ora melancólicos. Perdidos na noite, preparando-se para a grande festa. A maior de todas. O patético de que estava impregnada a condição humana manifestava-se nestas reuniões. Nada melhor do que um dia de Carnaval. Elas invadiram meu quarto. Impossível ter aquelas visões. Alguma coisa estava errada. Estaria minha bebida contaminada com drogas? Tomara duas cervejas! Percebi que elas me foram entregues abertas. Só podia ser isso. Minha cabeça rodava com a batida daquela música. Aqueles rostos mascarados eram texturas sombrias da alma humana. Escutava o refrão, repetido várias vezes.

“Esta é história de
Napoleão Bonaparte,
do mundo o conquistador.
Fez da guerra uma arte.
Ole,lê, lê,lê.
Ole,lê, lá,lá.
Ole,lê, lê,lê.
Ole,lê, lá,lá
fez da guerra uma arte,
foi coroado Imperador.

Cada vez que repetiam o estribilho, as cuícas e os surdos imitavam o som de uma metralhadora. Elas rasgavam o ar. O segredo estava neste estribilho. Era a força da música dando o seu recado. Para o inimigo que se admirava da coragem e do recurso utilizado. Conheciam esta linguagem. Sacramentada pelo ódio. Violações, assaltos, roubos, tráfico. Liturgia da morbidez. Beleza convulsiva. Atmosfera de fanatismo. Tocada pela graça de um sorriso. Prisões. Realidade trágica e mágica. Os políticos gostam. Seguem e conseguem. Votos brancos. Nulos cartazes. Pífios discursos. Quem não gosta da merda? A imitação dos sons da metralhadora se resolve numa árdua e intensa repetição das cuícas e dos surdos. Ora, repetem os sofrimentos. Ora, os gemidos interiores das suas vítimas. O lado patético e menos inesperado desta festa. Lacunas do diálogo. O distanciamento crítico na hora do extermínio. Aleluia!

Nem todos são muitos fiéis. Há desertores. Há que eliminá-los. Aleluia!
Delírio religioso, ácido, subversivo. O charme sedutor da violência. Ascese.
Ópera com pouca luminosidade. Tons sangüíneos. A redenção espiritual.
Cruzar as armas como se fossem uma cruz bandida.

Código morse. Código morte.

Na música recarregavam as baterias, suas armas. O exército estava se preparando. Muitas batalhas no decorrer do ano. Muitas perdas. Não tinha importância. Todos estavam ligados neste elo invisível. Contagante. Selvagem. A força sutil do mal. Entronizada na minha corrente sangüínea. Subjacente à amarga visão do mundo em que se vive. Transitoriedade. Uma chama que se acendia em todos os corações. Trazida para fora do abismo de todas as sombras infernais. Não sei como, minha mente não parava de pensar. Formigava. Luzes deslizavam pelo meu quarto. As paredes eram vivas. Loquazes. Marta, Maria e Ifigênia dançam alucinadas. Me chamam. Me provocam com seus corpos. Pombas giras. Pensei ter enlouquecido de vez. Extenuado, em dado momento, apaguei.

No dia seguinte, Napoleão acordou tarde. Com uma tremenda dor de cabeça. Ligou o rádio na FM Cultura. A música era um fator relaxante. Poderia aliviar um pouco. Tomou um comprimido de Doril. Fez um café. Estava sorvendo a segunda xícara quando Dolores apareceu. Napoleão abriu a porta, ela cumprimentou com a boca remendada com uma prótese. Tinha a boca bem grande. Pintava os lábios com um batom vermelho. Usava uma calça Lee bem apertada e uma blusa vermelha, com um babado no decote ousado. Os grandes seios apareciam pela metade, voluptuosos, sedentos, ousados. Dolores sabia atacar de frente. Cheia de veneno. Mostrou uma pasta com os desenhos da minha fantasia. Eram desenhos bem-feitos. Enquanto ela tirava as medidas, Napoleão folheou os desenhos. Eram feitos a nanquim e coloridos com tinta aquarela. Primeiro, o desenho da casaca. “Uma casaca em veludo azul claro com oito botões laminados. Lapela, punhos dobrados e gola em veludo azul escuro.” A seguir, outra lâmina com os desenhos da camisa e da calça. “Camisa branca com gola redonda, alta. Punhos drapeados com dois botões em pedra colorida. Colete na cor grafite com sete botões recobertos no mesmo tecido. Calça até os joelhos, em cetim branco, com abertura nas laterais. Três botões revestidos do mesmo tecido. Laços em azul escuro.

Meias compridas, em tom azul mais claro.” A última lâmina, mostrava os acessórios. “Sapatos pretos de verniz com fivelas prateadas. Coroa de metal laminado dourado, com pedras coloridas aplicadas. Manto de veludo vermelho ornado com arminho branco. (Pode ser de pelúcia branca. Veludo também sintético). O manto, que deve ser trazido sobre os ombros, bordado com flores de lis.” Dolores terminara as medidas. Com um sorriso transbordando de felicidade, perguntou se gostara dos desenhos. Napoleão disse que sim. Ofereceu-lhe uma xícara de café. Recusou dizendo que estava com pressa. Numa outra hora, quem sabe. Saiu rebofolosa, balançando os fartos seios gelatinosos.

O grande momento chegou. À noite, no horário de duas horas, a escola desfilaria pela primeira vez na grande avenida. A favela viveu uma semana fora do comum. A maioria trabalhando nos carros alegóricos, experimentando fantasias, ensaiando os passos das coreografias. O samba era cantado, assobiado, dia e noite, noite e dia. Cantava-se o samba enredo em tempo integral. Havia uma onda apreensiva no ar. Durante a semana choveu muito. E o serviço de meteorologia não era nada animador. Previsão de chuvas fortes à noite, na hora do desfile. Uma ameaça vinda dos céus que os centros espíritas não conseguiram impedir. Velas, incenso, orações, flores, cânticos, danças, charutos, roupas brancas. Nada deu certo. Alguém estava enfezado e decidiu não colaborar. Culpa dos fiéis. Recalcadas. Mãe de santo que traía a tradição do centro. Uma pomba gira enviesada afrontou o compromisso e botou chifres no santo. Essas coisas acontecem e são rotineiras. E dão azar. Trazem tempestades violentas. Incontroláveis. A natureza não perdoa. Ela chega com seu poder avassalador. Sem limites. Vesti minha fantasia. Olhei-me no pequeno espelho. Botei a coroa na cabeça. Não é que eu tinha uma leve semelhança com o personagem? Juro que me senti envaidecido. Alguns minutos de celebridade ao desfilar como destaque numa escola de samba do terceiro grupo. Nada mal. Televisões, rádios, jornais, revistas, fotógrafos. Pelo menos minha foto aparecia numa daqueles jornais que só falam de tragédias: “Napoleão volta triunfar numa batalha de confetes”. Ou assim: “Coqueiros invadem a ilha de Santa Helena”. Melhor esta: “Napoleão conquista a avenida com pompa e circunstância”. Enquanto aguardava sentado na cama, inteiramente transfigurado, lembrei-me de algo que a memória ocultara por muito tempo. Éramos pequenos, quatro filhos. Meu pai havia se separado de minha mãe. Ela não agüentara mais as bebedeiras e farras com mulheres, o prato predileto de meu pai. Ao chegar em casa bêbado, batia em minha mãe e

nos deixava aterrorizados dentro do pequeno cômodo onde vivíamos encolhidos. Um dia minha mãe não agüentou, chamou a polícia. Levaram meu pai preso. Ficou dias curtindo sua cachaça na cadeia. Eu passava perto para ver se ele ficava como os outros presos. Eles se dependuravam nas grades da janela e olhavam para a liberdade do lado de fora. Nunca o vi com os pés e mãos enfiados nas grades. Quando saiu, ajuntou suas coisas e disse que ia embora. Depois voltaria para pegar os dois filhos homens. Ela que ficasse com as duas meninas. Dois meses depois, ele apareceu. Estava barbeado, bem vestido, com um sorriso de felicidade estampado no rosto. Disse que arrumara um bom emprego, estava casado novamente. Trocara a cachaça pelo whisky. Deixou um maço de notas em cima de uma pequena mesa, a única que tínhamos. Minha mãe arrumou nossas coisas, umas peças de roupa numa pequena trouxe. Exigiu que tomássemos banho. Vestimos nossas melhores camisas. Bebemos um gole de café amanhecido. Ela se despediu sem derramar uma lágrima. Disse que nos entregava para Deus. Eu e meu irmão não olhamos para trás. A viagem seria uma aventura. Se não desse certo, voltaríamos. Uma questão de tempo. Mal sabíamos que o inferno apenas começara. Depois de dois dias de uma viagem cansativa e monótona, chegamos. A casa de nosso pai era maior e mais confortável. Tinha um quarto de casal, com uma cama grande, um guarda-roupa, uma penteadeira. Na cama, uma colcha de crochet. Cortinas na janela. Banheiro com privada e chuveiro e uma cortina de plástico no box. Uma cozinha com azulejos brancos. Geladeira, armários, fogão, uma mesa com duas cadeiras. Frutas de plástico enfeitavam a mesa. Meu irmão admirava o pingüim sobre a geladeira. Uma sala com um jogo de sofás, aparelho de som e televisão em cores. A televisão estava ligada. Tudo era um jogo de encantamentos. Nossa madrastra mal nos olhou. Ofereceu um lanche para meu pai. Ficamos olhando. Depois que ele terminou, repartiu um pedaço de pão com duas bolachas. E um copo de água para cada um. O bolo ficaria para o dia seguinte. Ou melhor, sempre para o dia seguinte. Dormimos fora de casa, junto com a casinha do cachorro. Era uma espécie de quarto de despejos. Tinha lenha, uma cadeira quebrada, roupas velhas, jornais empoeirados. Meu pai improvisou um colchão com um pedaço de espuma, jornais abertos. Não podíamos entrar dentro de casa. Comida, aprendemos a pedir. Jogavam muita coisa nas latas de lixo. Também podíamos roubar, se a ocasião era favorável.

Depois, meu pai arrumou outra mulher. A situação piorou. Meu pai trabalhava na roça o dia inteiro. Voltava embriagado. A outra madrastra nos odiava mais do que a primeira. Não podíamos ficar nem no quintal da casa. Nem debaixo do único pé de laranjeira. Fomos viver na rua. Dependíamos da caridade para sobreviver. Até que um dia, membros da pastoral da igreja nos encontraram.

Graças à refeição uma vez por dia, fomos tentados a frequentar a escola. Maltrapilhos e famintos, nunca conseguimos passar do primeiro ano. Fomos obrigados a abandonar a escola. Por falta de futuro. De um futuro. Consegui emprego na casa de uma velha. Viúva, sem filhos, mal podia caminhar. Eu buscava o pão, o leite, fazia compras. Aprendi a varrer a casa. Depois, a lavar a louça usada e a roupa de cama e banho. Depois, os seus vestidos cheirando a bolor e suor. Ela gostava de ler. Tinha uma coleção de livros numa estante. Outro tanto dentro de um enorme baú. Ensinou-me a ler e a tomar gosto pela leitura. Ela dizia que o melhor amigo do homem era um livro. Voltei a estudar.

Meu irmão desaparecera. Disseram-me que tinha ido embora com um bando de ciganos. Melhor, pensei. Assim viverá vida de gente, vendendo tachos de cobre. A velha contou uma história esquisita sobre eles. “São um povo com hábitos esquisitos. Diferente dos nossos. Moram em barracas. Usam roupas coloridas. Conhecem os segredos da magia. Lêem as linhas da mão e adivinham a morte. Dizem que roubam crianças cujos olhos são transformados em esmeraldas vivas. Sua música dilacera a alma. As ciganas dançam extraindo a energia da terra. É uma raça que viaja no tempo”.

Nunca mais soube de meu irmão. Nem de minha mãe. Nem de minhas duas irmãs. Meu pai morreu abandonado num asilo. Cego e combalido pela cirrose. Bateram à porta. Estava na hora de ir para o ônibus que nos levaria para avenida. O ônibus estava lotado. Consegui um lugar no banco de trás, apertado entre outros integrantes da escola. Na maioria, jovens. Uns vestidos de soldados do exército de Napoleão. Outros, do exército russo, austríaco, italiano, espanhol e português. Um exército eclético. Todos me olharam assustados. Não saberia dialogar. A não ser um “olá”, “tudo bem?”. Em segundos, esqueceram minha presença. Continuei um eterno ausente. Alguns puxaram um cigarro de maconha. Cantavam o samba enredo como se aquela música, aquelas palavras o deixassem em transe. Era uma música que tinha começo mas não tinha fim. Ausentei-me daquilo tudo. Olhei para a janela do ônibus. Espremido, com a respiração resfolegante. O cheiro da maconha deixou-me meio tonto. Qualquer fumaça me incomoda. Meus sentidos ficaram em alerta. Meus olhos percebiam as luzes das ruas como extrema nitidez. Aquele roteiro sem destino permitiam-me uma evasão do meu sono cotidiano. Meu personagem repetia uma experiência histórica. Mais do que emocional. Estávamos colocados face a face. Um diante do outro. Eu e meu personagem. Eu e o meu nome. Uma dupla face. Uma inconsciente satisfação. Isolado, a caminho do meu exílio fantasioso, impossível rebelar-me. Prisoneiro de todos aqueles soldados misturando etnias, línguas, dialetos, códigos, uma ausência de esperança. Eles não desprezavam os deuses. Eu os ignorava. Minha paixão

era a vida. Minha solidão me levava à outra direção. Face à morte. Sem nenhum julgamento. Posto à prova por uma hipótese das mais remotas. Uma propaganda de um jornal. Jornais vazios de notícias no verão. Um abismo de inverdade datilografadas com ênfase no acaso. Minha alma, prisioneira de guerra, estaria dotada de uma força descomunal diante do assombro da minha indiferença. Aquela música barulhenta atordoou-me. Havíamos chegado ao local de desembarque. Todos os componentes procuravam agrupar-se de acordo com sua ala. A bateria afinava os instrumentos. A metralhadora irá rugir daqui a pouco. A chave da alma da escola. Uma arma de guerra. Um paradoxo. Levaram-me para meu carro. Era o último. Um grupo de pessoas discutia. Eu seria o único personagem. O exilado. A ilha de Santa Helena era por demais invulgar. Coqueiros, uma montanha que mais parecia um vulcão, areia. Fachada de uma casa. Acontecera um acidente. O eixo traseiro da carroça que suportava o cenário não suportou o peso. Quebrou. Não havia chances de o carro entrar na avenida. Nem teriam tempo de consertá-lo porque não haviam previsto nenhum tipo de desastre daquela natureza. O negócio era com o personagem. Decidiram que eu entraria sozinho na avenida. Atrás da bateria, quando eles pararem diante da comissão julgadora. Eu entraria com a coroa na cabeça, arrastando aquela capa vermelha bordada com flores de lis. Nada mal. Até causaria um certo impacto. Um trovão ribombou pelos ares, rasgando o céu. A escola começou o desfile. Os primeiros pingos de chuva caíram forte. O pessoal foi em frente, ignorando a chuva. Raios e raios. Um raio caiu numa das torres de iluminação. Gritaria. Pessoas correndo. A chuva despencou como um fardo sobre a terra. Um temporal de verão conforme previra a meteorologia. Bem na hora do desfile. Estragando tudo. A chuva torrencial desmantelou a escola. Cada um procurou refúgio onde pode. As arquibancadas ficaram vazias. Outra torre de iluminação foi atingida por outro raio. O perigo estava à solta. A batalha de Waterloo não era uma lembrança. Era real. Napoleão, molhado até os ossos, entrou na avenida vazia. Segurava a coroa nas mãos. Algumas flores bordadas foram caindo pelo asfalto. A capa pesava-lhe nos ombros. Desabotoou-a. Ela escorregou pelas costas, enroscando nos seus pés. Tropeçou nela. Napoleão chutou a capa. Não precisava mais dela. A coroa de lata tinha ficado pelo caminho. Sem as pedras. A fantasia grudou no seu corpo. Arrancou a casaca azul, o colete, a camisa. Tirou os sapatos, as meias. Livrou-se por último da calça que lhe apertava os bagos. Estava nu. Raios recortam o céu e estilhaçam o chão. A chuva de vento, forte e violenta, encharcou seus cabelos. Grossas gotas escorrem pelo corpo como lágrimas pesadas. Ele, uivando contra a tempestade. Não tinha mais certeza onde estava. Quem sabe, na ilha de Santa Helena, de verdade. No meio do oceano Atlântico. Entre o ímpeto das ondas

bravias e a solidão silenciosa. Ao redor, o vazio das rochas vulcânicas. A chuva imitava os tiros ininterruptos das rajadas de metralhadora. Tal como no estribilho. Desfilou pela avenida, sorrindo. A multidão o aplaudia delirantemente.

São Paulo, julho de 2000

Fundação Biblioteca Nacional
Certificado de Registro
Registro: 213.536 Livro: 372 Folha: 196

Agradecimentos para meu irmão Vicente